

ANEXOS

Anexo I – Guião de entrevista semidiretiva à educadora de infância

Objetivo geral
Conhecer as estratégias promotoras do processo da inclusão de uma criança com hipoacusia, desenvolvidas pela educadora de infância.

Bloco I

Apresentação
<p>Saudação da entrevistada.</p> <p>Esta entrevista semidiretiva surge no âmbito de um relatório final da PES em Educação Pré-Escolar, intitulado “O JI e a família no processo de inclusão de uma criança com hipoacusia”.</p> <p>Garanto que toda a informação recolhida nesta entrevista será somente utilizada para a realização do relatório final, salvaguardando a identidade da entrevistada.</p> <p>Quando realizada a transcrição desta entrevista será fornecida uma cópia para a validação da mesma, através da sua assinatura.</p> <p>Solicito a autorização para a gravação áudio da entrevista com a finalidade de a transcrever.</p>

Bloco II

Caraterização da educadora de infância	
Objetivo:	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer a formação académica da educadora de infância.
Perguntas:	
2.1 Qual é a sua formação académica?	
2.2 Tem alguma formação sobre crianças com NEE?	
2.2.1 (caso sim) Qual(is)?	
2.2.2 Quais os motivos que a levaram a realizar essa(s) formação(ões)?	
Observações:	

Bloco III

Organização do ambiente educativo	
Objetivo:	Pergunta:
- Conhecer o processo de inclusão da criança	3.1 Como foi informada que ia ter uma criança com hipoacusia na sua sala? 3.2 O que pensou quando soube que ia estar na sua sala?
- Conhecer a organização e gestão do espaço, dos materiais e do tempo	3.5 Na sala foram feitas alterações devido a presença desta criança? 3.5.1 Quais foram as alterações que efetuou na sala? 3.8 Sentiu dificuldades na gestão da rotina? 3.8.1 (caso sim) Qual foi a maior dificuldade que sentiu nessa gestão?
Observações:	

Bloco IV

Caraterização da criança	
Objetivo:	Pergunta:
- Tomar conhecimento do desenvolvimento e evolução da criança.	4.1 Como tem ocorrido o desenvolvimento, em termos globais, desta criança?
Observações:	

Bloco V

Parcerias	
Objetivo:	Pergunta:
- Conhecer as parcerias educativas existentes com a educadora de infância para facilitar a inclusão desta criança em sala de atividades	5.1 Esta criança usufrui de algum apoio especial em sala de atividades? 5.1.1 (caso sim) Qual? 5.1.2 Como é desenvolvido esse trabalho? 5.1.3 Quais são as estratégias que desenvolvem em cooperação com esses apoios educativos?
- Identificar o papel da instituição na promoção de um melhor bem-estar para esta criança	5.4 Quais são as estratégias desenvolvidas pela instituição para facilitar a inclusão desta criança? 5.4.1 (caso sim) Quais?
Observações:	

Bloco VI

Envolvimento e participação dos pais	
Objetivo:	Pergunta:
- Conhecer o nível de envolvimento e participação dos pais no JI	6.1 Qual o nível de envolvimento e participação dos pais desta criança?
- Conhecer a relação entre a educadora de infância e os pais	6.2 Descreva a relação que existe entre a si e os pais desta criança.
Observações:	

Bloco VII

Estratégias	
Objetivo:	Perguntas:
- Conhecer as estratégias em sala de atividades e outros espaços educativos em situações do quotidiano.	7.1 Quais são as estratégias que utiliza frequentemente em sala de atividades para promover a inclusão desta criança? 7.2 Em que situação sente que é preciso mudar de estratégia? 7.3 Sente necessidade de recorrer a outros profissionais para mudar as estratégias? 7.3.1 (caso sim) Quem são e de que modo facilita a sua ação pedagógica?
Observações:	

Bloco VII

Tem mais alguma questão que queira comunicar?

Bloco VIII

Obrigada pela sua colaboração e disponibilidade.

Anexo II – Protocolo da entrevista à educadora de infância

Ent: O objetivo geral da entrevista semidiretiva é conhecer as estratégias promotoras do processo de inclusão de uma criança com hipoacusia, desenvolvidas pela educadora de infância.

Esta surge no âmbito de um relatório final da PES em educação pré-escolar, que está intitulado “ o JI e a família no processo de inclusão de uma criança com hipoacusia”.

Garanto, desde já, que toda a informação recolhida será somente utilizada para o relatório final, salvaguardando a identidade da entrevistada.

Ah... mesmo que digamos alguns nomes, a esses nunca me vou referir e vai ser cortado.

Quando realizada a transcrição da entrevista será fornecida uma cópia para ler e depois através da assinatura dá autorização para utilizar.

Ah... primeira questão que lhe coloco é: qual é a sua formação académica?

Suj: Licenciatura em educação de infância.

Ent: Tem alguma formação sobre crianças com NEE?

Suj: Neste momento estou a tirar a pós-graduação em NEE.

Ent: Quais os motivos que levaram a realizar essa formação?

Suj: Porque acho que no nosso curso há uma grande lacuna ao nível das NEE. Na minha altura, ao nível do currículo, só tínhamos uma disciplina semestral. Então, cada vez aparecem-nos mais crianças com essas necessidades e nós precisamos de intervir. A intervenção precoce é essencial. E termos formação para isso, faz toda a diferença.

Ent: Como foi informada que ia ter uma criança com hipoacusia na sua sala?

Suj: Fui informada através da passagem das crianças que estavam na outra sala com a minha colega. Passaram para a minha sala. Fui informada com os relatórios, com o processo da criança. Foi assim.

Ent: O que pensou quando soube que ia estar na sua sala?

Suj: Pensei “o que é a hipoacusia?”. Eu não sabia.

Ent: Na sala foram feitas alterações devido à presença desta criança?

Suj: Não [houve alterações na sala].

Ent: Sentiu dificuldades na gestão da rotina com a presença desta criança?

Suj: Não. O que eu sinto dificuldades é que na sala, não tenho só uma criança com essa necessidade. Há mais crianças que precisam de apoio. Então, quando há uma atividade que implica mais concentração e um apoio mais individualizado, torna-se um bocado mais complicado depois de gerir e dar apoio a eles, dar apoio a todas [as crianças].

Ent: Como tem ocorrido o desenvolvimento, em termos globais, desta criança?

Suj: Bem. Por acaso tem ocorrido bem. Pensava que...quando foi passada a pasta, o processo. Pensei que era uma criança que apresentava muitas dificuldades ao nível da aprendizagem. Mas não. Consegue aprender muito bem, tem facilidade em adquirir conhecimento. É verdade.

Ent: Esta criança usufrui de algum apoio especial...

Suj: Sim, tem uma educadora de educação especial e tem uma terapeuta da fala. A terapeuta vem duas vezes por semana e a educadora de educação especial vem três vezes, três manhãs.

Ent: Como é desenvolvido esse trabalho?

Suj: Com a educadora de apoio?

Ent: Sim com a educadora de apoio.

Suj: Então, elas vêm à sala, normalmente desenvolvem atividades com a criança inserida no grupo. Só quando veem que há mesmo necessidade de retirar do grupo é que retiram para fazer algum tipo de atividade.

Ent: Quais são as estratégias que desenvolvem em cooperação com esses apoios educativos?

Suj: Pois as estratégias tentamos sempre falar para ver se há alguma coisa que resulte ao nível da concentração, de conseguir estar com atenção (não é) o que nós dizemos e tentamos passar. Mas é um bocadinho difícil de ele estar muito tempo, sentado, quieto.

Então, eu e a educadora de apoio estamos sempre a conversar para ver se conseguimos arranjar estratégias. Ver se funciona nesta forma, a ver como é que correu daquela [forma], pronto!

Ent: Trabalho em cooperação?

Suj: Pois.

Ent: Quais são as estratégias desenvolvidas pela instituição para facilitar a inclusão desta criança?

Suj: Diz lá outra vez.

Entr: O que procuro saber é se a instituição, a direção, preocupa-se, este caso de hipoacusia, se faz algum tipo de palestras...

Suj: Não. O que a direção faz é estar envolvida sempre neste processo. Saber... tentar arranjar e se é preciso a terapeuta. Saber o que é preciso. Se vai a uma consulta, saber o que é que foi decidido. Se é alguma coisa ao nível de escola que tenhamos de saber. Por isso é mais ao nível...

Ent: De acompanhamento?

Suj: Exatamente. É isso mesmo.

Ent: Qual o nível de envolvimento e participação dos pais desta criança?

Suj: Nenhum.

Ent: São, assim, ausentes. Não é?

Suj: Não vêm a reuniões, nem a nada, nem a convites.

Ent: Descreva a relação que existe entre si e os pais desta criança.

Suj: A relação que eu tenho é com a mãe, porque ainda não vi o pai este ano. Conheço porque... Nos outros anos conhecia o senhor mas desde que começou a escola em setembro, ele nunca... Eu nunca o encontrei. Nunca falei com ele. É sempre a mãe.

Ent: Quais são as estratégias que utiliza frequentemente em sala de atividades para promover a inclusão desta criança?

Suj: É assim, tudo que é crianças que têm algum tipo de dificuldade, ou que... são diferentes, tentamos sempre que eles estejam inseridos no grupo. Porque se os estamos a retirar, eles ainda se estão a sentir mais diferentes. Tentamos fazer o trabalho sem ele se aperceber que é inserido no grupo. Que é o grupo dele. Porque quando ele for para uma

escola primária ou outra sala, ele está inserido no grupo. Ele não vai viver sozinho. Ele vive em sociedade, não é? E, então acho que é muito importante. E os outros, também, acabam por... as crianças acabam por puxar umas pelas outras, também, não é. Acabam por se ajudar umas às outras. E acho que isso é muito importante.

Ent: Em que situação sente que é preciso mudar de estratégia?

Suj: Quando ele está interessado... é muito fácil ver porque ele fica quieto. Agora, quando é alguma coisa que não o interessa, ele não para, mexe-se, dá “pinotes”, brinca com o outro e bate no outro. Por isso é saber logo os sinais que ele está a dar, é uma criança que não está interessada pelo que se está a passar. É reconhecer esses sinais. E aí, intervir log: «- Olha. Não vale a pena porque para ele isto não vai funcionar».

Ent: Sente necessidade de recorrer a outros profissionais para mudar as estratégias?

Suj: Sim, sinto. No entanto falo muito com a Maria (nome fictício) [educadora de educação especial]. Acerca dele e de outras crianças que têm necessidades educativas. Sim.

Ent: A questão que tenho aqui, que também vai ao encontro da questão que fiz anteriormente é: quem são e de que modo facilita a sua ação pedagógica?

Suj: Os profissionais?

Ent: Sim.

Suj: Pois neste caso. Conto com muito com a educadora de educação especial. Com a terapeuta da fala não é assim um trabalho que me ajude, de alguma forma, a criar estratégias com ele. Porque ela trabalha mais ao nível da fala, da dicção... percebes? Não é ao nível de estratégias comportamentais de ... agora faz isso para ver se ele... Por isso, é mesmo a educadora de educação especial.

Anexo III – Primeiro tratamento do protocolo da entrevista à educadora de infância

[Objetivo geral da entrevista] (...) conhecer as estratégias promotoras do processo de inclusão de uma criança com hipoacusia, desenvolvidas pela educadora de infância (...)

[Formação académica] (...) Licenciatura em educação de infância (...)

(...) Neste momento estou a tirar a pós-graduação em NEE (...).

(...) acho que no nosso curso há uma grande lacuna ao nível das NEE. (...) cada vez mais aparece-nos crianças com essas necessidades e nós precisamos de intervir. A intervenção precoce é essencial. E termos formação para isso, faz toda a diferença.

[Modo como foi informada] (...) através da passagem das crianças (...) para a minha sala. Fui informada com os relatórios e com o processo da criança.

[Dificuldades sentidas] (...) “o que é a hipoacusia?”. Eu não sabia.

[Integração da criança na sala] Não [houve alterações na sala].

[Dificuldades sentidas na gestão da rotina] (...) não tenho só uma criança com essa necessidade. Há mais crianças que precisam de apoio. (...) quando há uma atividade que implica mais concentração e um apoio mais individualizado, torna-se um pouco mais complicado (...) de gerir e dar apoio a eles, dar apoio a todas [as crianças].

[Desenvolvimento globais] (...) Por acaso tem ocorrido bem. (...) quando foi passado (...) o processo, pensei que era uma criança que apresentava muitas dificuldades ao nível da aprendizagem, mas não. Consegue aprender muito bem, tem facilidade em adquirir conhecimento.

[Apoios educativos] (...) uma educadora de educação especial e tem uma terapeuta da fala. A terapeuta vem duas vezes por semana e a educadora de educação especial vem três vezes (...).

[Apoios no contexto do JI] (...) normalmente desenvolvem atividades com a criança inserida no grupo, só quando veem que há necessidade de retirar do grupo é que retiram para fazer algum tipo de atividade.

[Trabalho desenvolvido com o apoio educativo] (...) tentamos sempre falar para ver se há alguma coisa que resulte ao nível da concentração, de conseguir estar com atenção (...) mas é um bocadinho difícil (...) estar muito tempo sentado, quieto. (...) eu e a educadora de apoio estamos sempre a conversar para ver se conseguimos arranjar estratégias (...)

[Papel da instituição] (...) O que a direção faz é estar envolvida sempre neste processo. Saber, tentar arranjar se é preciso a terapeuta. Saber o que é preciso. Se vai a uma consulta saber o que é que foi decidido, se é alguma coisa ao nível da escola que tenhamos de saber. (...) é mais ao nível [de acompanhamento].

[Nível de envolvimento e participação dos pais] Nenhum. (...) Não vêm a reuniões, nem a nada (...) nem a convites.

A relação que eu tenho é com a mãe, porque ainda não vi o pai este ano. (...) desde que começou a escola (...) eu nunca o encontrei. Nunca falei com ele. É sempre a mãe.

[Integração da criança na sala] (...) crianças que têm algum tipo de dificuldades (...) são diferentes. Tentamos, sempre, que estejam inseridos no grupo. (...) as crianças acabam por puxar umas pelas outras (...) acabam por se ajudar umas às outras. (...) acho que isso é muito importante [integrar no grupo].

[Desenvolvimento globais] Quando ele está interessado ... é muito fácil ver porque ele fica quieto. (...) quando é alguma coisa que não o interessa ele não para, mexe-se, dá “pinotes”, brinca com o outro e bate no outro. (...) saber logo os sinais que ele está a

dar; é uma criança que não está interessada pelo que se está a passar. É reconhecer esses sinais [e] (...) intervir logo.

[Dificuldades sentidas] (...) falo muito com a Maria [educadora de educação especial] (...). Acerca dele (...)

[Apoio educativo] (...) a educadora de educação especial. Com a terapeuta da fala não é [bem] assim um trabalho que me ajude, de alguma forma, a criar estratégias com ele. Porque ela [terapeuta da fala] trabalha mais ao nível da fala, da dicção. (...) não é ao nível de estratégias comportamentais (...) Por isso, é mesmo a educadora de educação especial.

Anexo IV – Pré – categorização da entrevista à educadora de infância

1. [Formação académica] Licenciatura em educação de infância. (...)
2. (...) estou a tirar a pós-graduação em NEE. (...)
3. (...) acho que no nosso curso há uma grande lacuna ao nível das NEE. (...)
4. (...) cada vez mais aparece-nos crianças com essas necessidades e nós precisamos de intervir. A intervenção precoce é essencial. E termos formação para isso, faz toda a diferença. (...)
5. [Modo como foi informada] (...) através da passagem das crianças (...) para a minha sala. (...)
6. (...) Fui informada com os relatórios e com o processo da criança. (...)
7. [Dificuldades sentidas] (...) “o que é a hipoacusia?”. Eu não sabia. (...)
8. Não [houve alterações na sala]. (...)
9. (...) não tenho só uma criança com essa necessidade. Há mais crianças que precisam de apoio. (...)
10. (...) quando há uma atividade que implica mais concentração e um apoio mais individualizado, torna-se um pouco mais complicado (...) de gerir e dar apoio a eles, dar apoio a todas [as crianças]. (...)
11. [Desenvolvimento globais] (...) Por acaso tem ocorrido bem. (...)
12. (...) quando foi passado (...) o processo, pensei que era uma criança que apresentava muitas dificuldades ao nível da aprendizagem, mas não. Consegue aprender muito bem, tem facilidade em adquirir conhecimento. (...)

13. [Apoio no contexto do JI] (...) uma educadora de educação especial e tem uma terapeuta da fala. (...)
14. A terapeuta vem duas vezes por semana e a educadora de educação especial vem três vezes (...).
15. [Apoios no contexto do JI] (...) normalmente desenvolvem atividades com a criança inserida no grupo, só quando veem que há necessidade de retirar do grupo é que retiram para fazer algum tipo de atividade. (...)
16. [Trabalho desenvolvido com o apoio educativo] (...) tentamos sempre falar para ver se há alguma coisa que resulte ao nível da concentração, de conseguir estar com atenção (...)
17. [Desenvolvimento globais] (...) mas é um bocadinho difícil (...) estar muito tempo sentado, quieto. (...)
18. [Trabalho desenvolvido com o apoio educativo] (...) eu e a educadora de apoio estamos sempre a conversar para ver se conseguimos arranjar estratégias. (...)
19. [Papel da instituição] (...) O que a direção faz é estar envolvida sempre neste processo. Saber, tentar arranjar se é preciso a terapeuta. Saber o que é preciso. Se vai a uma consulta saber o que é que foi decidido, se é alguma coisa ao nível da escola que tenhamos de saber. (...) é mais ao nível [de acompanhamento].
20. [Nível de envolvimento e participação dos pais] Nenhum. (...)
21. (...) Não vêm a reuniões, nem a nada (...) nem a convites. (...)
22. (...) A relação que eu tenho é com a mãe (...)
23. (...) porque ainda não vi o pai este ano. (...) desde que começou a escola (...) eu nunca o encontrei. Nunca falei com ele. É sempre a mãe.

24. [Estratégias facilitadoras da inclusão] (...) crianças que têm algum tipo de dificuldades (...) são diferentes. Tentamos, sempre, que estejam inseridos no grupo (...)
25. (...) as crianças acabam por puxar umas pelas outras (...) acabam por se ajudar umas às outras (...)
26. (...) acho que isso é muito importante [integrar no grupo].
27. [Desenvolvimento globais] Quando ele está interessado (...) é muito fácil ver porque ele fica quieto (...)
28. (...) quando é alguma coisa que não o interessa ele não para, mexe-se, dá “pinotes”, brinca com o outro e bate no outro. (...)
29. [Estratégias facilitadoras da inclusão] (...) saber logo os sinais que ele está a dar; é uma criança que não está interessada pelo que se está a passar. É reconhecer esses sinais [e] (...) intervir logo.
30. [Apoio no contexto do JI] (...) falo muito com a Maria [educadora de educação especial] (...). Acerca dele (...)
31. [Apoio educativo] (...) a educadora de educação especial (...).
32. [Apoio no contexto do JI] (...) Com a terapeuta da fala, não é [bem] assim um trabalho que me ajude, de alguma forma, a criar estratégias com ele. Porque ela [terapeuta da fala] trabalha mais ao nível da fala, da dicção. (...) não é ao nível de estratégias comportamentais.
33. (...) Por isso, é mesmo a educadora de educação especial.

Anexo V – Categorização das unidades de sentido da entrevista à educadora de infância

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
1. FORMAÇÃO		<ul style="list-style-type: none"> • (...) Licenciatura em educação de infância. (1) • (...) estou a tirar a pós-graduação em NEE. (2) • (...) acho que no nosso curso há uma grande lacuna ao nível das NEE. (3) • (...) cada vez mais aparece-nos crianças com essas necessidades e nós precisamos de intervir. A intervenção precoce é essencial. E termos formação para isso, faz toda a diferença. (4)
2. INTEGRAÇÃO DA CRIANÇA NA SALA	2.1 Modo como foi informada	<ul style="list-style-type: none"> • (...) através da passagem das crianças (...) para a minha sala. (5) • (...) Fui informada com os relatórios e com o processo da criança. (6)
	2.2 Dificuldades sentidas	<ul style="list-style-type: none"> • (...) “o que é a hipoacusia?”. Eu não sabia. (7) • (...) não tenho só uma criança com essa necessidade. Há mais crianças que precisam de apoio. (9) • (...) quando há uma atividade que implica mais concentração e um apoio mais individualizado, torna-se um pouco mais complicado (...) de gerir e dar apoio a eles, dar apoio a todas [as crianças]. (10)
	2.3 Estratégias facilitadoras da inclusão	<ul style="list-style-type: none"> • Não [houve alterações na sala]. (8) • (...) crianças que têm algum tipo de dificuldades (...) são diferentes. Tentamos, sempre, que estejam inseridos no grupo. (24) • (...) as crianças acabam por puxar umas pelas outras (...) acabam por se ajudar umas às outras. (25) • (...) acho que isso é muito importante [integrar no grupo]. (26) • (...) saber logo os sinais que ele está a dar; é uma criança que não

		<p>está interessada por o que se está a passar. É reconhecer esses sinais [e] (...) intervir logo. (29)</p>
<p>3. DESENVOLVIMENTO GLOBAL</p>		<ul style="list-style-type: none"> • (...) Por acaso tem ocorrido bem. (11) • (...) quando foi passado (...) o processo, pensei que era uma criança que apresentava muitas dificuldades ao nível da aprendizagem, mas não. Consegue aprender muito bem, tem facilidade em adquirir conhecimento. (12) • (...) mas é um bocadinho difícil (...) estar muito tempo sentado, quieto. (17) • Quando ele está interessado (...) é muito fácil ver porque ele fica quieto. (27) • (...) quando é alguma coisa que não o interessa ele não para, mexe-se, dá “pinotes”, brinca com o outro e bate no outro. (28)
<p>4. APOIO EDUCATIVO À CRIANÇA</p>		<p>4.1 Apoio no contexto do JI</p> <ul style="list-style-type: none"> • (...) uma educadora de educação especial e tem uma terapeuta da fala.(13) • (...) A terapeuta vem duas vezes por semana e a educadora de educação especial vem três vezes (...). (14) • (...) normalmente desenvolvem atividades com a criança inserida no grupo, só quando veem que há necessidade de retirar do grupo é que retiram para fazer algum tipo de atividade. (15) • (...) falo muito com a Maria [educadora de educação especial], acerca dele. (30) • (...) a educadora de educação especial (...). (31) • (...) com a terapeuta da fala não é [bem] assim um trabalho que me ajude, de alguma forma, a criar estratégias com ele. Porque ela [terapeuta da fala] trabalha mais ao nível da fala, da dicção. (...) não é ao nível de estratégias comportamentais. (32) <p>4.2 Trabalho desenvolvido com o apoio educativo</p> <ul style="list-style-type: none"> • (...) tentamos sempre falar para ver se há alguma coisa que resulte ao nível da concentração, de conseguir estar com atenção (...) (16)

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) eu e a educadora de apoio estamos sempre a conversar para ver se conseguimos arranjar estratégias. (18) • (...) Por isso é mesmo a educadora de educação especial. (33)
	4.3 O papel da instituição	<ul style="list-style-type: none"> • (...) O que a direção faz é estar envolvida sempre neste processo. Saber, tentar arranjar se é preciso a terapeuta. Saber o que é preciso. Se vai a uma consulta saber o que é que foi decidido, se é alguma coisa ao nível da escola que tenhamos de saber. (...) é mais ao nível [de acompanhamento]. (19)
5. OS PAIS	5.1 Nível de envolvimento e participação	<ul style="list-style-type: none"> • Nenhum. (20) • (...) Não vêm a reuniões, nem a nada (...) nem a convites. (21) • A relação que eu tenho é com a mãe (...) (22) • (...) porque ainda não vi o pai este ano. (...) desde que começou a escola (...) eu nunca o encontrei. Nunca falei com ele. É sempre a mãe. (23)

Anexo VI – Guião de entrevista semiestruturada à educadora de educação especial

Objetivo geral
Conhecer as estratégias promotoras do processo da inclusão de uma criança com hipoacusia, desenvolvidas pela educadora de educação especial;

Bloco I

Apresentação
<p>Saudação da entrevistada.</p> <p>Esta entrevista semidiretiva surge no âmbito de um relatório final da PES em Educação Pré-escolar, intitulado “O JI e a família no processo de inclusão de uma criança com hipoacusia”.</p> <p>Garanto que toda a informação recolhida nesta entrevista será somente utilizada para a realização do relatório final, salvaguardando a identidade da entrevistada</p> <p>Quando realizada a transcrição desta entrevista será fornecida uma cópia para a validação da mesma através da sua assinatura.</p> <p>Solicito a autorização para a gravação áudio da entrevista com a finalidade de transcrevê-la.</p>

Bloco II

Caraterização da educadora de educação especial	
Objetivo:	Conhecer a formação académica da educadora de educação especial.
Perguntas:	
2.1 Qual é a sua formação académica?	
2.2 Quais os motivos que a levaram a realizar esta formação?	
Observações:	

Bloco III

O processo de inclusão da criança	
Objetivo:	Pergunta:
- Conhecer o processo de inclusão da criança	3.1 Há quanto tempo dá apoio a esta criança? 3.2 Como tem decorrido o processo de inclusão desta criança? 3.3 Quem têm sido os intervenientes no processo de inclusão desta criança? 3.4 Qual o tipo de trabalho que tem realizado com esta criança? 3.4.1 E com a educadora de infância?
Observações:	

Bloco IV

Caraterização da criança	
Objetivos específico:	Perguntas:
- Caraterização do desenvolvimento e evolução desta criança	4.1 Como tem ocorrido desenvolvimento global desta criança? 4.2 Esta criança manifesta alterações no seu comportamento de forma frequente?
Observações:	

Bloco V

Estratégias de intervenção	
Objetivo:	Pergunta:
-Conhecer as estratégias que a educadora de educação especial desenvolve para a inclusão desta criança na sala de atividades	5.1 O seu trabalho com esta criança desenvolve-se na sala de atividades ou noutra sala própria para esse efeito? 5.1.1 Qual o motivo? 5.2 Quais são as estratégias que desenvolve para a inclusão desta criança em sala de atividades? 5.3. Quais as situações que identifica como mais problemáticas no desenvolvimento desta criança?
Observações	

Bloco VI

Envolvimento e participação dos pais	
Objetivo:	Pergunta:
- Conhecer o nível de envolvimento e participação dos pais no decorrer do trabalho desenvolvido pela educadora de educação especial	6.1 Qual o nível de envolvimento e participação dos pais no processo de inclusão?
- Conhecer a relação existente entre esta profissional de educação e os pais.	6.2 Descreva a relação que existe entre si e os pais desta criança.
Observações:	

Bloco VII

8.1 Tem mais alguma questão que queira comunicar?

Bloco VIII

Obrigada pela sua colaboração e disponibilidade.

Anexo VII – Protocolo da entrevista semidiretiva à educadora de educação especial

Ent: Primeiramente, quero dar a conhecer o objetivo geral da entrevista, que é conhecer as estratégias promotoras no processo de inclusão de uma criança com hipoacusia, desenvolvidas pela educadora de educação especial.

Obrigada por ter aceite e por ter a disponibilidade por estar a fazer esta entrevista, que surge no âmbito do relatório final, da PES em educação pré-escolar e tem como título “o JI e a família no processo de inclusão de uma criança com hipoacusia”.

Garanto que toda a informação recolhida será, somente, para utilizar no relatório final. Será salvaguardada sempre a identidade da entrevistada e, também, todos os nomes que aqui, eventualmente possam ser referidos.

Quando realizada a transição desta entrevista será fornecida uma cópia para validar a mesma através de uma assinatura na folha.

A primeira questão que gostaria de colocar é: qual é a sua formação académica?

Suj: Tenho o curso de educadores de infância e tenho uma especialização em multideficiência, enquadrada no mestrado de psicologia do desenvolvimento e da educação.

Ent: Quais os motivos que a levaram a realizar esta formação?

Suj: Obter qualificação para poder exercer de uma forma mais segura a minha profissão. Esta especialização surgiu já no percurso prático, longo, da minha carreira, atendendo que eu já tinha uns quatorze anos, talvez... de prática em contexto de educação especial. Quase todo o meu percurso, até essa altura, era nesse âmbito. Tinha apenas três anos de regular, de pré-escolar regular, e portanto, sendo uma área que sempre me fascinou, na qual eu me senti bem, na qual eu me senti identificada, na qual eu não duvidava que queria seguir e que seria o meu trajeto. (risos) Porque, pronto, gosto, gosto do que faço. Mas faltava-me, então, formalizar, digamos assim, todo o meu conhecimento. E foi nesse sentido que eu o frequentei.

Ent: Há quanto tempo dá apoio a esta criança com hipoacusia?

Suj: É o terceiro ano... não é bem assim...ah... Embora esteja na sala onde a criança está há três anos, na prática, eu estou com o Luís (nome fictício) deixa-me pensar... desde de... fevereiro, penso eu... fevereiro de há dois anos. Portanto de 2010, por aí. Sim, finais de janeiro, princípios de fevereiro de 2010. Portanto há dois anos.

Ent: Não tenha qualquer problema em dizer nomes porque faço sempre reticências. Não é o meu interesse...

Suj: ok, ok... é que é difícil, porque eu estou a pensar...

Ent: Mas esteja completamente à vontade.

Suj: Ok

Ent: Como tem decorrido o processo de inclusão desta criança?

Suj: O processo de inclusão desta criança tem sido um bocado irregular. Ah... irregular no sentido em que há constrangimentos no processo...ah... que nos faz andar para a frente e para trás. No entanto, se formos olhar para o princípio da intervenção e ao ponto atual, há uma grande evolução. Nota-se uma grande evolução. Contudo, o mesmo tipo de problema, permanece. Refiro-me por exemplo, ao comportamental, aspeto comportamental ou a componente comportamental do desenvolvimento do Luís que é mais problemática. Embora esteja com um diagnóstico com hipoacusia bilateral ligeira... e aí nota-se um melhoramento significativo, embora necessite, pontualmente, de intervenção ao nível da fluência da voz, da fala (digo), ao nível da colocação da voz, que tem a ver com técnicas de respiração, que faz parte da intervenção da terapia da fala. Pronto, precisa, pontualmente, de uma ajuda aí, não é!? Mas é uma ajuda muito ligeira. Agora, em termos de comportamento, estamos sempre com problemas. Acabam uns começam outros, porque... é aí que reside, essencialmente, as irregularidades do desenvolvimento dele.

Ent: Quem têm sido os intervenientes no processo de inclusão?

Suj: Ah... as educadoras, as auxiliares e eu. Basicamente. E claro, sempre que a família pode, também. Mas em contexto formal somos nós que [intervimos]... não excetuando, pois também a parte da coordenação da instituição que está sempre a acompanhar e está sempre preocupada, sempre à procura de encontrar, conjuntamente, estratégias para minimizar os problemas identificados.

Ent: Qual o tipo de trabalho que tem realizado com esta criança?

Suj: Comecei por fazer aquilo que se chama...uma intervenção ao nível de massajar o corpo. Que vai bater um bocado na terapia ocupacional. Portanto, em termos de integração sensorial, mas em termos de movimento. Ah... claro que eu não estou habilitada profissionalmente para o fazer. Mas como tive experiência, fazia parte do grupo da intervenção ao nível da integração sensorial, juntamente com uma terapeuta ocupacional na APPC, e os longos anos que lá trabalhei, portanto, de alguma forma, sei o que se fazia e porque se fazia, embora profissionalmente eu não esteja habilitada para... E tentei aplicar, um bocado esse tipo de técnicas, antes de se iniciar, por exemplo, o dia. Ou sempre, que notávamos que em situação de atividade, ele estivesse mais agitado. Portanto, procurávamos o momento mais oportuno para o retirar e para fazer esse tipo de intervenção com materiais muito macios. Sempre que possível macios. Pressionando as várias partes do corpo. Aquilo tem uma técnica especial. Começa-se... Tem uma ordem, pronto. Portanto, aplicando no corpo [as massagens], fazendo pressão no corpo com materiais, sempre, os mais macios possíveis e os mais diversificados possíveis. E também, aquilo que se chama o envolvimento corporal. Portanto, quase dar-lhe colo, envolvê-lo em nós. Isto tem o nome próprio que eu agora não me lembro.

Sensação de conforto... tipo envolvimento corporal... mas isto tem o nome que não me consigo recordar. Ah... pronto, olha, não interessa. Estás a perceber a ideia!?

Contenção! Pronto, técnicas de contenção corporal, mas dando-lhe algum conforto. Não é contenção de impedir que se mexesse. É, ele mexer-se mas à volta dele está alguém que o ampara e o aconchega. Ele até cedia. Pronto. Só que isto, são técnicas que não se podem prolongar ao longo do dia, não é, e isto exige que esteja uma pessoa com ele ou exclusivamente para ele. O que, também, não é possível no contexto em JI. Embora as pessoas lhe deem atenção, que dão! São pessoas sempre atentas. Não é de todo possível que isto aconteça ao longo do dia todo, não é. Pontualmente, consegue-se fazer.

Ent: E com a educadora de infância, qual é o tipo de trabalho que realiza?

Suj: Com as educadoras, que já apanhei duas. Pronto, a minha prática é sempre esta. Costumo definir em linhas gerais onde vai ser a minha intervenção. Duas ou três áreas chave e depois, diariamente, vou dizendo às minhas colegas que hoje vou fazer isto ou hoje tenho a intenção de fazer aquilo. Por isto ou por aquilo. Ou então, no início da semana, sou capaz de dizer: «- olha, durante um tempo ou durante esta semana vou

fazer isto assim, assim, assim desta maneira». No fim de cada dia, dou sempre um *feedback* daquilo que aconteceu, como aconteceu, se foi positivo, se não foi, o que é que se poderia melhorar. Nunca digo, nunca digo, ou pontualmente, poderei dizer, mas é mesmo raríssimo, ter a postura de dizer às minhas colegas que depois podem fazer isto ou podem fazer aquilo. Por norma tento eu fazer, dizer como corre e daqui parte o exemplo se as colegas quiserem pegar. Não é imposto. Há muita coisa articulada, porque eu penso que isto é que é articular. Articular é eu não fazer mais do mesmo da minha colega faz, nem ela fazer aquilo que eu faço. Mas, mas... dentro do que ela está a fazer, como é se pode ajudar esta criança a fazer de maneira diferente a conseguir melhorar em relação ao que o grupo todo faz. Ah... pronto, tenho tido a sorte. Tenho tido a sorte de não ter... pelo menos não tenho encontrado entraves, nem de uma colega nem de outra, nem de ninguém fora daqui, mesmo deste grupo. Tenho tido muita sorte. Considero-me uma pessoa cheia de sorte (risos), acho que me ouvem e, também, tenho a preocupação de perceber como é que a criança esteve no período em que decorreu a última vinda cá, até que agora estou, até ao momento presente. Acho que consigo captar bem as dificuldades das colegas e tento responder de acordo com as dificuldades que estão a sentir, tentando sempre minimizar a dificuldade da criança, mas, também, tendo em conta o funcionamento do grupo, as dificuldades que a minha colega ou as minhas colegas me apresentam. Tento apresentar soluções, estratégias para se desenvolver e depois peço o *feedback*. Claro que nem sempre é fácil. Umam resultam, outras não. Normalmente resultam, outras parecem que não estão a resultar, mas ao fim de algum tempo acabamos de perceber que sim, que resultou.

Ent: Como tem ocorrido o desenvolvimento global desta criança?

Suj: Positivamente. Muito positivamente. (risos) Excetuando a área do comportamento. Pronto, a área comportamental que bem analisado, provavelmente, vai tocar na parte emocional. Não sei...

Ent: Eu tenho aqui esta questão que é: esta criança manifesta alterações no seu comportamento de forma frequente?

Suj: Exato. Exato.

Ent: Pois já verificamos que sim.

Suj: É uma constante. Se nós, neste momento, olhássemos para a criança o que ressalta, não é o défice na área da linguagem que, é proveniente ou que resulta do tal défice

auditivo que ele apresenta, não é... Ao nível das funções sensoriais, mais concretamente na deficiência auditiva. Não é tanto aí. Qualquer pessoa passaria..., observador, lhe passaria isso despercebido. No entanto, em termos de grupo, ressalta a nossa atenção pelo comportamento. Ele está constantemente a chamar a nossa atenção. E a requerer de nós, a exigir de nós uma intervenção.

Ent: É mesmo isso que eu sinto do Luís.

Suj: Ele é uma criança que gradualmente tem vindo a diminuir [os comportamentos], mas...mas é uma criança que testa limites e precisa que o balizem. Em termos de JI, acho que tem uma melhoria muito significativa, em relação a como eu o vi no início, e como eu o vejo hoje. Tem uma diferença muito grande. Ele reconhece-nos autoridade. Ele reconhece autoridade aos adultos. Agora, gosta de experimentar sempre e vai sempre testando. No início, era... era... era... pavoroso falar com o Luís dizer fosse o que fosse. Um NÃO [saliente pela educadora] ..., fosse o que fosse, ele não ouvia, não acatava, não cumpria. Desafiava, desafiava... Desafiava!

Ent: Pois ele agora já tem mais regras...

Suj: Agora, não... Sim! Pode tentar desafiar uma vez, duas. Se lhe voltarmos a dizer: «- Luís “NÃO...” [saliente pela educadora]», com firmeza e assertividade, sim. Fora daqui não sei... (risos) já presenciei algumas situações mas não posso...

Ent: O seu trabalho com esta criança desenvolve-se na sala de atividades ou noutra sala própria?

Suj: Na sala de atividades, sempre, sempre que possível. Eu estou a dizer isto... Pronto, eu já expliquei que houve situações no início que o retirava, mas porque eu não posso, de todo, estar a fazer uma sessão [de massagens/relaxamento] ao nível corporal dentro da sala, quando estão outras crianças a desenvolver outro tipo de atividade. Porque isso vai interferir com a dinâmica da sala e vou estar a canalizar a atenção, não digo de todas as crianças, mas algumas provavelmente, no sentido daquilo que se está a passar ao lado. Porque o Luís, até nessa intervenção individualizada, se ele estiver privado da observação dos outros, ele tem um comportamento mais colaborante do que se tiver com observadores. Se ele estiver com observadores, tenta captar a colaboração deles no mesmo sentido. Portanto temos de saber mediar, saber distinguir aqui o que

deve... Acho que o nosso papel de docente de educação especial, neste aspeto, de ser dentro ou ser fora [da sala]. Temos de ser muito sensíveis a que tipo de atividades e que tipo de objetivos queremos atingir para adequar o sítio onde o desenvolvemos. Estas retiradas, no início, que estou a dizer-te, não eram mais do que dez, quinze minutos. E depois voltávamos e desenvolvíamos as atividades que outros estariam a desenvolver. Porque o horário a que eu vinha, apanhava sempre atividades orientadas.

No ano passado, já não era tanto assim. Tinha um horário, em que vinha em atividades livres, que era à tarde, e aí dava maior maleabilidade para eu intervir de uma forma mais individualizada de acordo com aquilo que eu, especificamente, pensei em fazer hoje. Até mesmo aí, conversava muito com a minha colega. Hoje vou fazer isto... E, depois houve uma altura que ele já reconhecia autoridade de alguns elementos em sala... e refiro-me, por exemplo, a mim, concretamente. Que até vinha menos vezes. Vinha duas vezes por semana. E era muito desagradável, ele estar a desafiar os outros adultos que estavam com ele, permanentemente, ao longo do tempo que [eu] estava aqui... e via-o desafiá-los, ultrapassar e não respeitar a autoridade que eles representam dentro do contexto educativo. Pronto, achei que devia intervir aí. Até porque era um aspeto que não estava a funcionar, dentro da área comportamental, do desenvolvimento da criança. Então, falei com as minhas colegas, determinei uma estratégia, pensei, bom, vamos desenvolver esta estratégia durante alguns tempos e vamos ver no que é que isto resulta. Falei com as minhas colegas. Então, era: não permitir que ele saísse, abandonasse o que quer que fosse que estivesse a fazer sem comunicar à pessoa que estivesse próximo dele ou que estivesse a desenvolver a atividade.

Porque... e, pronto, estávamos todos em consonância desde as auxiliares. Falei com as auxiliares, falei com *teacher* de inglês, porque isto partiu de uma situação, em que estavam todos em grupo, numa sessão de inglês, e pura e simplesmente, o menino lembrou-se em sair da roda porque lhe apetecia fazer um jogo. E eu estava presente. Portanto, achei que não era comportamento adequado. Tínhamos que corrigir aquilo.

Dizer, ou não dizer, para fazer...dava quase na mesma. Pensei. Então, tínhamos de estar todas em consonância e pedir que ele voltasse à situação inicial...[ex.] “NÃO é NÃO [saliente pela educadora] se faz... é Luís pediste a quem? Não ouvimos tu a pedires a ninguém. Estavas a fazer o quê? Estavas com quem? Olha, tens que pedir à *teacher* para sair que tu não queres estar aqui. Dizes: «- *Teacher*, eu não quero estar aqui ou eu gostava de fazer outra coisa».

E a *teacher* vai-te, depois, responder. O que a *teacher* te disser é o que tu tens de fazer.

Depois noutra situação com as auxiliares, a mesma coisa, pronto. Com a educadora, obviamente, a mesma coisa.

Isto até não foi muito difícil de conseguir, isto do Luís porquê? Porque foi conversado entre todos. Todos sabíamos que tínhamos de fazer aquilo. Ele não controlava o impulso de não querer estar ali e apetecer-lhe fazer outra coisa. Agora, ele [não consegue controlar o impulso] ... Isso é uma coisa. Outra coisa, é ele reconhecer que não está sozinho e que está, que precisa, que está a perturbar outros e que precisa de respeitar, também, isso. Ele tem o direito de querer sair, de querer sair. Agora, vamos ver se é oportuno, se não é oportuno... se ele pedir com educação, até se calhar é-lhe concedido esse momento. Nunca vi ninguém impedir. E pouco e pouco fomos conseguindo. Foi umas das situações que conseguimos.

Ent: Aqui outra questão que tenho é: quais são as estratégias, que desenvolve para a inclusão desta criança em sala de atividades?

Suj: Pronto, é o que eu estava a dizer. Este ano, praticamente a minha intervenção tem sido desenvolvida dentro da sala. E isto porquê? Porque, em termos de linguagem, que era a área onde era necessário intervir, onde eu já tinha intervindo anteriormente e também, a área comportamental. Ah... o Luís deu um salto qualitativo grande. Portanto, adquiriu vocabulário... consegue utilizar [vocabulário] de forma correta. Portanto, morfológicamente como sintaxicamente, é um miúdo que não tem problemas em organizar o seu discurso, em expressar as suas ideias, em encadear pensamentos e expô-los. Não tem problemas a esse nível. O problema que o Luís apresenta é de articulação de alguns fonemas pontuais. É na velocidade com que emite a voz, a fala. E aí, este ano conseguimos a intervenção da terapeuta da fala. Portanto, está com um técnico especializado (risos) na área. Eu não vou fazer mais do mesmo. Porque a linguagem trabalha-se a qualquer momento. Portanto eu trabalho a linguagem no decorrer natural das atividades e rotina da sala. E... em termos de comportamento, eu não posso retirar porque isto não é nenhum laboratório. [Aqui] O laboratório é natural (risos) e como o laboratório é natural, nada mais que... fazer e aplicar a pedagogia de uma forma natural. Pronto, é no aqui e o agora. E vou mediando as situações... ensinamos uma coisa que não disse anteriormente mas, pronto, estava implícito ao que eu disse da questão anterior. No fundo, nós, tivemos a preocupação de traduzir por palavras, aquilo nós percecionávamos ser a intenção do Luís. E que era a dificuldade que ele tinha. Portanto, tudo que é comportamento impulsivo é porque, em termos de atitude, a atitude era mais

veloz, é mais rápida do que a expressão: “Ah...” Logo, não podemos impedir que o movimento aconteça. É tão impulsivo que ele [comportamento] acontece. Agora, temos de ajudar essa pessoa, depois de parar, a refletir e a pensar que pode fazer isto de outra maneira, dando-lhe uma alternativa e verbalizar. No fundo é verbalizar intenções e nós ajudamo-lo [a esse comportamento] e [ajudá-lo a] verbalizar as intenções. E, pronto... tem sido sobretudo isto... O mínimo de competências que o façam funcionar adequadamente em grupo. O estar... a postura corporal... ele deitava-se muito, encostava-se muito aos outros, beliscava... hoje, pontualmente, isso acontece. Sabemos que ele faz mas a frequência com que esse comportamento ocorre é muito, muito menor em comparação com o que acontecia há dois anos por esta altura. Não tem nada haver.

Ent: Quais as situações que identifica como mais problemáticas no desenvolvimento desta criança?

Suj: Ai... (suspiro) é o mesmo o comportamento. E... é assim... nós tentamos mediar isto com a família mas, depois também, não é muito fácil. A família... é uma família muito ocupada...muito ocupada. O Luís sai daqui tarde ou saía mais tarde, não é uma criança que sai daqui cedo do JI... penso que ainda continua... e é assim... isto de intervir com a família não é fácil. Porque, para já, tem que ser a família a identificar o problema. Se a família não identifica o problema... não é? Não vou ser eu a dizer: «olhe a sua forma de funcionar não está correta». Temos de ser muito subtis na forma como passamos a informação. Portanto, esta subtileza pode ser interpretada ou podem não chegar a atingir. Porque há muito modelo de funcionamento. Nós não temos o direito de chegar a uma família e impor seja que tipo de funcionamento que for. (pausa) Não é fácil. Devemos intervir em termos de equipa. A intervenção precoce, uma das facetas que tem é intervir junto de crianças ou famílias em risco.

Agora, atuar em famílias em contexto domiciliário é uma questão. Atuar, em famílias cujos filhos estão, em situação formal de educação, é outra. (falou pausadamente)

Porque nós não temos um conhecimento, no fundo, do funcionamento da família. Temos uma perceção daquilo [que é], não é!? Daquilo que nos vai sendo relatado, a forma como nos vai sendo relatado e daquilo que nós observamos. Mas daí... até fazer o plano de intervenção como deve ser feito... Eu, pessoalmente, tenho tido dificuldade e é uma situação que constantemente estou, que constantemente estou a tentar trabalhar com os meus parceiros do terreno (risos) e não é fácil. Porque, depois, as famílias dizem sim, sim...sim, sim mas depois não acontece. Não vemos acontecer, embora, também

sinta que esta família está mais assertiva com o Luís acho que aprenderam ser mais assertivos com o Luís. Talvez a forma como se relata o que fizemos ou o que fizemos para “isto” que aconteceu [seja uma referência para os pais atuarem]... Eles, também, devem de ver algumas diferenças, penso eu. Não é!?

Depois, as avaliações que nós temos, nas avaliações formais, sempre que possível, tentamos valorizar [os reforços ou atitudes dos pais], mesmo que achemos que não correspondam totalmente às nossas expectativas como nós gostaríamos que acontecesse. Mas, desde que se veja o mínimo de esforço... Eu gosto. Eu gosto de dar um *feedback* positivo e mencionar [isso nas avaliações], para reforçar as famílias. Acho que posso começar por aqui... a reforçá-las e a cativá-las no sentido de fazermos trabalho no mesmo sentido.

Ent: Qual é o nível de envolvimento e participação dos pais no processo de inclusão?

Suj: (suspiro) no processo de inclusão... pois...os pais... É assim, eles tentam. Mas nós gostaríamos sempre [que fosse mais, mas]... estamos no outro lado. Não é!?

São, são posições diferenciadas, para já, e portanto gostaríamos que fosse um bocadinho diferente com o Luís. Tentamos passar essa mensagem com cautela, sem passar informação que acuse, que aponte dedos, que...

Mais no sentido de dar referências: [ex:] “o Luís verificamos que tem algumas dificuldades... fazemos isto... temos estado a fazer assim... porque ele tem que respeitar o adulto que está com ele. Nós estamos com ele diariamente, nós temos de alguma forma, [fazermo-nos respeitar e] quando é NÃO [saliente pela educadora], ele tem que respeitar o nosso NÃO [saliente pela educadora] quando...” [Procuramos] passar este tipo de mensagem. Que lhe damos o tal, como disse a bocado, o tal envolvimento, o tal ... pronto.

Ent: Não é impedimento mas...

Suj: Pronto, percebes, o colinho. Pronto. Hoje estou cansada, pronto, só me sai o pronto, pronto e pronto.

[Procuramos] dar-lhes este tipo de dicas aos pais. Mas, quando se diz não, é não. Porque isto, eu já presenciei. Tive o privilégio de acompanhar a família e o Luís a uma sessão de terapia da fala. Portanto, numa situação de espera, sala de espera, dá para identificar, perfeitamente, o funcionamento da família em termos de referências, de autoridade... Não é!? Fazer valer a sua autoridade enquanto adultos perante o filho. E portanto, percebi fragilidades e tentei de acordo com o que percebi aí, e junto com os outros

técnicos que também intervinham, passar a mensagem de como estamos a fazer, que nestas situações se costuma fazer assim e quando é NÃO é NÃO [saliente pela educadora]. Aí, temos de ser unânimes, todos, porque estar uns a trabalhar por um lado e depois em contexto familiar serem passivos, pouco ou nada se reflete no nosso trabalho [para modificar situações desajustadas]. Portanto, que pai e mãe não podem ser tidos como companheiros, não são da mesma idade. Portanto são pais, são referências. Há um momento em que se brinca, de uma entrega total à brincadeira. Quando é para dizer que não, é não, é para cumprir e é não porque é não. Nem tudo tem justificação. E um filho tem que perceber que quando se diz não é para parar. Há limite. No fundo, é isso que passamos aos pais. Impor limites ao Luís por que isso também o ajuda. Aliás, o tipo de comportamento que ele tem é um pedido de ajuda e foi isto que tentamos explicar aos pais. O que Luís faz não é outra coisa se não pedidos de ajuda. Balizem-me! Orientem-me! Digam-me o que eu não devo fazer!

Ent: Descreva a relação que existe entre si e os pais desta criança.

Suj: Olha é muito pontual. Esta relação é em reuniões pontuais, é por telefone e é acompanhamento a algumas consultas. Eu digo algumas consultas, porque efetivamente, na última que aconteceu eu não acompanhei. E não acompanhei não era porque eu não tivesse conhecimento. Que a mãe até me tinha dado conhecimento que ia acontecer esta consulta mas isto foi em dezembro. Pronto, mas eu tenho tantas solicitações, eu tenho tantas reuniões, tantas consultas e tantas coisas... perdi a noção que seria nesta data. E, portanto, eu teria tido necessidade que a mãe me tivesse dado um alerta como muitas mães fazem. Que quando a chega altura próxima da consulta: - Olhe Maria (nome fictício) vamos ter consulta tal, tal. A Maria tinha dito que gostaria de acompanhar. Pronto, e eu acompanho. Lamento, não ter acompanhado porque era importante, eu ter estado presente. Quando isto acontece eu tento à posteriori reunir-me com o técnico. Mas, pronto... não é a mesma coisa de estar com a família presente. Mas tentamos fazer passagem de informação.

Ent: Mas os pais solicitam-na?

Suj: Os pais não solicitam. (pausa) Sempre que acontece uma reunião, somos nós que a convocamos, somos nós que a solicitamos, inclusivamente qualquer informação, temos de pedir. Portanto, acontece qualquer coisa, eu estou a falar da minha parte, tenho que telefonar para saber. Isto impõe dificuldades, porque, ou eu aproveito quanto estou, na

instituição. E graças a Deus, aqui, esta instituição até facilita, não complica. Ainda no outro dia, eu queria falar com os pais. Foi a educadora. Eu estou presente e passa.

Eu penso que em relação à educadora da sala, os pais a põem ao corrente e a informam das situações. Penso. Porque de alguma maneira, é assim, se a educadora é a última ou a primeira a saber dentro da instituição, eu não sei, mas acaba por estar informada, ser informada. E depois, também, tem o cuidado de passar-me a informação. Em termos de passagem de informações, não tenho, não posso apontar problemas porque ela vai circulando em ambos os sentidos. Portanto, o que eu tenho conhecimento em termos de reuniões com a parte clínica com os outros parceiros, eu informo-a, a minha colega. E ela, também, tem o cuidado de me informar sempre que sabe alguma coisa, de alguma situação nova, de alguma coisa... não há problema... E sempre a tempo.

Ent: Mas isso sempre através da educadora?

Suj: Sempre através da educadora.

Ent: Não sei se quer acrescentar mais alguma questão. O guião está terminado. Obrigada Maria pela disponibilidade.

Suj: Ah... só queria dizer mais uma coisa em relação aos pais. Peço desculpa.

Ent: Não, não diga à vontade...

Suj: A mãe quando falou comigo, a última vez, por telefone (e, porque eu liguei) a mãe disponibilizou-se, que quando eu quisesse falar de qualquer coisa, para eu não estar [com receio]... quando acontecesse alguma coisa, que quisesse falar com ela. Que bastava eu dar-lhe um toque para o telemóvel dela que depois ligava-me. Eu, de facto, posso fazer. Ainda não fiz isto. (pausa)

Para já, quando quero telefonar-lhe uso o telefone da escola, não é!? E depois, também, como estou em articulação com a minha colega, estou numa sala, dou-lhe sempre a oportunidade de efetuar o contato porque estou presente, apercebo-me da conversa, fico a saber, fica [ao corrente]...

No outro dia, fui eu que fiz o telefonema, mas a minha colega estava presente. Houve passagem de informação.

Mas dizer que a mãe liga, não liga. (Pausa) Não liga para dizer [seja o que for]... não liga. Pronto. Porque, se calhar, isso para ela não é assim tão importante. Ela vê na

colega, a pessoa de referência. E que é... quem está diariamente com o filho. Não é? É a ela que tem de prestar contas diariamente. E eu compreendo isso, desde que [circule a informação]... se calhar [ela (mãe)] até sente que pode confiar... se calhar é uma atitude de confiança. Não é? Do género que eu informei e elas passam as informações. Até porque, pelos *feedback* que nós nos vamos dando, pelas conversas, ela vê perfeitamente que estamos informados e que qualquer um de nós sabe o que [se passa]...

Agora, em relação a outros técnicos aí de fora, já não é bem a mesma coisa, porque há informações que são controladas. A família controla o que diz a quem. (pausa) e pronto... temos que ir tentando mediar estas situações todas. (risos)

Não podemos perder as famílias, portanto temos de estar cá disponíveis. Olha, eu estou, o que precisarem eu, dou no que me for possível. Aquilo que eu considero que tenho de fazer, penso que não esteja em falta. Não sou pessoa de me poupar. Dou e, também, vejo os outros darem, os que estão a intervir diretamente com a criança em contexto educativo. Vejo que todos são preocupados seja quem for, auxiliar, educadora, estagiária (risos). Estagiária, pois claro, que sim. Muito preocupada com o Luís, muito atenta ao Luís...

Podes por isto, também, porque sou uma observadora de fora e não estou fazer favor nenhum. Acho que mais pessoas podem confirmar o que eu estou a dizer. Inclusivamente, a direção, também, é muito atenta ao Luís e muito preocupada. Ainda há pouco estivemos a falar sobre o que poderíamos fazer para ajudar mais, para ajudar esta família e de que forma o podemos [fazer]. Já está pensada, delineada a estratégia.

Para quê? É assim, é para dar, para munir esta família de mais competências. Não é passar atestados de incompetência porque nós [temos que respeitá-los no modo diferente de funcionarem mas tentar mostrar-lhes outros modos mais funcionais sobretudo no que respeita ao reconhecimento da autoridade parental pelos filhos] ...

É o que eu dizia, quem somos nós, não é? As famílias têm, todas, um funcionamento próprio. Há umas que estão mais dentro da norma, outras fogem mais. Mas não é acusando que nós conseguimos apanhar as famílias. Famílias pouco disponíveis, com o tempo tão ocupado, em termos de trabalho. Nós temos de ser cautelosos para não os perder. Se perdemos a família, então a criança perde-se mais.

(pausa)

Ent: Exato, não pode ser uma coisa repentina, tem que ser gradual com o devido respeito.

Suj: Completamente.

(pausa)

Ent: Pronto, Maria muito obrigada.

Suj: Espero ter-te ajudado e contribuído com alguma coisa

(risos de ambas)

Ent: Obrigada.

Anexo VIII – Primeiro tratamento à entrevista da educadora de educação especial

[Formação académica] (...) Curso de educadores de infância e tenho uma especialização em multideficiência, enquadrado no mestrado de psicologia do desenvolvimento e da educação.

Obter qualificação para poder exercer de uma forma mais segura a minha profissão. (...) surgiu (...) no percurso prático (...) da minha carreira (...) atendendo que eu já tinha uns quatorze anos (...) de prática em contexto de educação especial. (...) o meu percurso, até essa altura, era nesse âmbito. (...) sendo uma área que sempre me fascinou, na qual eu me sinto bem, (...) identificada, (...) Eu não duvidava que queria seguir, e que seria o meu trajeto. (...) gosto do que faço. Mas faltava-me (...) formalizar (...) todo o meu conhecimento.

[Intervenção especializada] (...) finais de janeiro, princípios de fevereiro de 2010. (...) há dois anos.

[Processo de inclusão da criança] (...) tem sido um bocado irregular.

(...) há constrangimentos no processo (...) faz andar para a frente e para trás. No entanto, [se formos olhar] para o princípio da intervenção e ao ponto atual, há uma grande evolução. [Nota-se uma grande evolução]

(...) Contudo, o mesmo tipo de problema, permanece. Refiro-me (...) ao comportamental (...) a componente comportamental do desenvolvimento do Luís (nome fictício) que é a mais problemática.

(...) diagnóstico com hipoacusia bilateral ligeira (...) nota-se um melhoramento significativo, (...) necessita, pontualmente, de intervenção ao nível da fluência da fala (...) colocação de voz, que tem a ver com técnicas de respiração, que faz parte da intervenção da terapia da fala. (...) mas é uma ajuda muito ligeira. (...) em termos de comportamento, estamos sempre com problemas. (...) é aí que reside, essencialmente, as irregularidades do desenvolvimento dele.

[Intervenientes no processo de inclusão] (...) as educadoras, as auxiliares e eu. Basicamente. E claro, sempre que a família pode, também. Mas em contexto formal somos nós que [intervimos] (...) pois também a parte da coordenação da instituição (...) está sempre a acompanhar e está sempre preocupada, sempre a encontrar, conjuntamente, estratégias para minimizar os problemas identificados.

[Estratégias de intervenção] Comecei por (...) uma intervenção ao nível de massajar o corpo. Que vai bater um bocado a terapia ocupacional. Portanto, em termos de integração sensorial, mas em termos de movimento. (...) E tentei aplicar, um bocado esse tipo de técnicas, antes de se iniciar, por exemplo, o dia. Ou sempre, que notávamos que em situação de atividade, ele estivesse mais agitado. Portanto, procurávamos o momento mais oportuno para o retirar e para fazer esse tipo de intervenção com materiais muito macios. Sempre que possível macios. Pressionando as várias partes do corpo. Aquilo tem uma técnica especial. (...) Portanto, aplicando no corpo [as massagens], fazendo pressão no corpo com materiais, sempre, os mais macios possíveis e os mais diversificados possíveis. E também, aquilo que se chama o envolvimento corporal. Portanto, quase dar-lhe colo, envolvê-lo em nós. (...) Sensação de conforto... tipo envolvimento corporal... (...) Contenção! Pronto, técnicas de contenção corporal, mas dando-lhe algum conforto. (...) são técnicas que não se podem prolongar ao longo do dia (...) Pontualmente, consegue-se fazer.

[Estratégias de intervenção com a educadora de infância] (...) Costumo definir em linhas gerais onde vai ser a minha intervenção. Duas ou três áreas-chave e depois, diariamente, vou dizendo às minhas colegas que hoje vou fazer isto ou hoje tenho a intenção de fazer aquilo (...) No fim de cada dia, dou sempre um *feedback* daquilo que aconteceu, como aconteceu, se foi positivo, se não foi, o que é que se poderia melhorar. (...) Por norma tento eu fazer, dizer como corre e daqui parte o exemplo se as colegas quiserem pegar. (...) Há muita coisa articulada, porque eu penso que isto é que é articular. Articular é eu não fazer mais do mesmo na minha colega faz, nem ela fazer aquilo que eu faço. (...) dentro do que ela [educadora] está a fazer, como é que se pode ajudar esta criança a fazer de maneira diferente a conseguir melhorar em relação ao que o grupo todo faz (...) tenho a preocupação de perceber como é que a criança esteve no período em que decorreu a última vinda cá, até que agora estou, até ao momento presente. Acho que consigo captar bem as dificuldades das colegas e tento responder de

acordo com as dificuldades que estão a sentir, tentando sempre minimizar a dificuldade da criança, mas, também, tendo em conta o funcionamento do grupo, [minimizar] as dificuldades que a minha colega ou as minhas colegas me apresentam. Tento apresentar soluções, estratégias para se desenvolver e depois peço o *feedback*. Claro que nem sempre é fácil. Umas resultam, outras não. Normalmente resultam, outras parecem que não estão a resultar, mas ao fim de algum tempo acabamos de perceber que sim, que resultou.

[Desenvolvimento da criança] Positivamente. Muito positivamente. (...) Excetuando a área do comportamento (...) que bem analisado (...) vai tocar a parte emocional.

É uma constante [as alterações do comportamento] (...) o que ressalta, não é o défice na área da linguagem que, é proveniente ou que resulta do tal défice auditivo (...)

No entanto, em termos de grupo, ressalta a nossa atenção pelo comportamento. Ele está constantemente a chamar a nossa atenção. (...) a exigir de nós uma intervenção.

(...) é uma criança que gradualmente tem vindo a diminuir [os comportamentos desajustados] (...).

(...) é uma criança que testa limites e precisa que o balizem. Em termos de JI (...) tem uma melhoria muito significativa (...).

Ele reconhece-nos autoridade (...) aos adultos. Agora, gosta de experimentar sempre e vai sempre testado. No início (...) era (...) pavoroso falar com o Luís (...) ele não ouvia, não acatava, não cumpria. Desafiava (...)

Agora (...) pode tentar desafiar uma vez, duas. Se lhe voltarmos a dizer:«- Luís NÃO! [saliente pela educadora]», com firmeza e assertividade (...) Fora daqui não sei (...) já presenciei algumas situações mas não posso...

[Local de intervenção] Na sala de atividades (...) sempre que possível.

(...) houve situações no início que o retirava (...) porque não posso (...) estar a fazer uma sessão de [de massagens/relaxamento] dentro da sala, quando estão outras crianças a desenvolver outro tipo de atividade. Porque isso vai interferir com a dinâmica da sala e vou estar a canalizar a atenção (...) [das] crianças.

[Particularidades manifestadas] (...) Porque o Luís, até nessa intervenção individualizada, se ele estiver privado da observação dos outros, ele tem um comportamento mais colaborante do que se estiver com observadores. Se ele estiver

com observadores, tenta captar a colaboração deles. (...) Portanto, temos de saber mediar, saber distinguir aqui o que [deve] ...

[Local de intervenção] (...) acho que o nosso papel de docente educação especial, neste aspeto (...) Temos de ser muito sensíveis a que tipo de objetivos queremos atingir para adequar o sítio onde o desenvolvemos.

(...) Estas retiradas, no início, (...) não eram mais do que dez, quinze minutos. E depois voltávamos e desenvolvíamos as atividades que outros estariam a desenvolver.

[Dinâmica de intervenção] No ano passado (...) Tinha um horário, em que vinha em atividades livres, que era à tarde, e aí dava maior maleabilidade para eu intervir de uma forma mais individualizada. (...) Até mesmo aí, conversava muito com a minha colega.

[Desenvolvimento da criança] (...) depois houve uma altura que ele já reconhecia autoridade de alguns elementos (...) e refiro-me (...) a mim, concretamente.

[Apoio educativo] Vinha duas vezes por semana.

[Particularidades manifestadas] (...) era muito desagradável, ele estar a desafiar os outros adultos que estavam com ele (...) via-o desafiar-los, ultrapassar e não respeitar a autoridade que eles representam dentro do contexto educativo. (...) achei que devia intervir aí (...) era um aspeto que não estava a funcionar, dentro da área comportamental, do desenvolvimento da criança. (...) falei com as minhas colegas, determinei uma estratégia (...).

(...) era: não permitir que ele saísse, abandonasse o que quer que fosse que estivesse a fazer, sem comunicar à pessoa que estivesse próximo dele ou que estivesse a desenvolver a atividade.

(...) estávamos todos em consonância desde as auxiliares. Falei com as auxiliares, falei com a *teacher* de inglês, porque isto partiu de uma situação (...) numa sessão de inglês, e pura e simplesmente, o menino lembrou-se em sair da roda porque lhe apetecia fazer um jogo. (...) achei que não era comportamento adequado. Tínhamos que corrigir aquilo.

Dizer, ou não dizer, para fazer ...dava quase a mesma.

(...) e pedir que ele voltasse à situação inicial...[ex.] NÃO, é NÃO [saliente pela educadora] se faz... e Luís pediste a quem? (...) Estavas a fazer o quê? Estavas com quem?

(...) Depois noutra situação com as auxiliares, a mesma coisa (...) Com a educadora, obviamente, a mesma coisa. Isto até não foi difícil de conseguir, isto do Luís (...) porque foi conversado entre todos.

[Desenvolvimento da criança] (...) Ele não controlava o impulso de não querer estar ali e apetecer-lhe fazer outra coisa.

(...) ele reconhecer que não está sozinho (...) e que precisa de respeitar, (...) se ele pedir com educação, até se calhar é-lhe concedido esse momento. Nunca vi ninguém impedir. E pouco e pouco fomos conseguindo.

(...) em termos de linguagem, que era a área onde era necessário intervir (...) o Luís deu um salto qualitativo grande. (...) adquiriu vocabulário... consegue utilizar [vocabulário] de forma correta (...) morfológicamente como sintacticamente, é um miúdo que não tem problemas em organizar o seu discurso, em expressar as suas ideias, em encadear pensamentos e expô-los. (...) O problema que o Luís apresenta é de articulação de alguns fonemas pontuais. É na velocidade com que emite a voz, a fala. E aí, este ano conseguimos a intervenção da terapeuta da fala. (...) está com um técnico especializado (risos) na área. (...). Porque a linguagem trabalha-se a qualquer momento. (...) no decorrer natural das atividades e rotina da sala.

(...) em termos de comportamento (...) [Aqui] o laboratório é natural (risos) e como o laboratório é natural, nada mais do que... fazer e aplicar a pedagogia de uma forma natural. (...) é no aqui e o agora. E vou mediando as situações...

(...) No fundo, nós tivemos a preocupação de traduzir por palavras, aquilo que nós percecionávamos ser a intenção do Luís. E que era a dificuldade que ele tinha. (...) a atitude era mais veloz, é mais rápida do que a expressão: “Ah” logo não podemos impedir que o movimento aconteça. É tão impulsivo que ele [comportamento] acontece.

[Estratégias de intervenção] Agora temos de ajudar essa pessoa, depois de parar, a refletir e a pensar que pode fazer isto de outra maneira, dando-lhe uma alternativa [a esse comportamento] e [ajudá-lo a] verbalizar. No fundo verbalizar intenções (...) o mínimo de competências que o façam funcionar adequadamente em grupo. O estar (...) a postura corporal.

[Particularidades manifestadas] (...) ele deitava-se muito, encostava-se muito aos outros, beliscava (...) pontualmente isso acontece (...) ele faz mas a frequência com que esse comportamento ocorre é muito (...) menor em comparação com o que acontecia a dois anos por esta altura. Não tem nada a ver.

(...) o comportamento. (...) nós tentamos mediar isto com a família mas (...) não é muito fácil. (...) é uma família muito ocupada (...).

O Luís sai daqui tarde (...)

(...) isto de intervir com a família não é fácil. Porque (...) tem que ser a família a identificar o problema. Se a família não identifica o problema (...) Não vou ser eu a dizer: « - olhe a sua forma de funcionar não está correta ». Temos de ser muito subtis na forma como passamos a informação. (...) esta subtilidade pode ser interpretada ou podem não chegar atingir. Porque há muitos modelos de funcionamento. Nós não temos o direito de chegar a uma família e impor seja que tipo de funcionamento que for. Não é fácil [intervir junto das crianças]. Devemos intervir em termos de equipa. A intervenção precoce, uma das facetas que tem é intervir junto de crianças ou famílias em risco.

[Especificidades da família] Porque nós não temos um conhecimento (...) do funcionamento da família. Temos uma perceção (...). Daquilo que nos vai sendo relatado, a forma como nos vai sendo relatado e daquilo que nos observamos.

[Envolvimento e participação dos pais] (...) fazer um plano de intervenção (...) Eu, pessoalmente, tenho tido dificuldade e é uma situação que constantemente estou (...) a tentar trabalhar com os meus parceiros do terreno (risos) e não é fácil. Porque (...) as famílias dizem sim, (...) mas depois não acontece. (...) embora, também sinto que esta família está mais assertiva com o Luís acho que aprenderam ser mais assertivos (...) a forma como se relata o que fizemos ou o que fizemos para “isto” que aconteceu [seja uma referência para os pais atuarem]... Eles (...) devem de ver algumas diferenças, penso eu (...).

(...) as avaliações que nós temos, nas avaliações formais, sempre que possível, tentamos valorizar [os reforços ou atitudes dos pais], mesmo que achemos que não correspondam totalmente às nossas expetativas como nós gostaríamos que acontecesse. Mas, desde que se veja o mínimo de esforço (...). Eu gosto de dar um *feedback* positivo (...) para

reforçar as famílias. (...) posso começar por aqui [dando o *feedback* positivo]... a reforçá-las e a cativá-las no sentido de fazermos trabalho no mesmo sentido.

[Nível de envolvimento e participação dos pais] (...) no processo de inclusão (...) eles tentam.

(...) gostaríamos que fosse um bocadinho diferente com o Luís. tentamos passar essa mensagem com cautela, sem passar informação que acuse (...)

Mais no sentido de dar referências [ex.]: “ (...) verificamos que tem algumas dificuldades... fazemos isto... temos estado a fazer assim... porque ele tem que respeitar o adulto que está com ele. (...) quando é NÃO [saliente pela educadora], ele tem que respeitar o nosso NÃO [saliente pela educadora] (...)”. [Procuramos] passar este tipo de mensagem. Que lhe damos, como disse a bocado, o tal envolvimento (...) [Procuramos] dar-lhes este tipo de dicas aos pais.

(...) Tive o privilégio de acompanhar a família e o Luís a uma sessão de terapia da fala. (...) numa situação de espera (...) dá para identificar (...) o funcionamento da família em termos de referências de autoridade (...). Fazer valer a sua autoridade enquanto adultos perante o filho. (...) percebi fragilidades e tentei de acordo com (...) outros técnicos que também intervinham, passar a mensagem de como estamos a fazer, que nestas situações se costuma fazer assim e quando é NÃO é NÃO [saliente pela educadora]. (...) temos de ser unânimes (...) porque estar uns a trabalhar por uma lado e depois em contexto familiar serem passivos, pouco ou nada se reflete no nosso trabalho [para modificar situações desajustadas].

(...) pai e mãe não podem ser tidos como companheiros, não são da mesma idade. (...) são pais, são referências. Há um momento em que se brinca, de uma entrega total à brincadeira. Quando é para dizer que não, é não, é para cumprir e é não porque não. Nem tudo tem justificação. E um filho tem que perceber que quando se diz não é para parar. Há limites. (...) é isso que passamos aos pais. Impor limites ao Luís por que isso também o ajuda. (...) tipo de comportamento que ele tem é um pedido de ajuda e foi isto que tentamos explicar aos pais. O que Luís faz (...) pedidos de ajuda. Balizem-me! Orientem-me! Digam-me o que eu não devo fazer!

[Envolvimento e participação dos pais] (...) é muito pontual. Esta relação é em reuniões pontuais, é por telefone e é acompanhamento a algumas consultas.

(...) na última que aconteceu eu não acompanhei. (...) não era porque eu não tivesse conhecimento. Que a mãe até me tinha dado conhecimento (...) mas isto foi em dezembro. (...) perdi a noção que seria nesta data. (...) eu teria tido necessidade que a mãe me tivesse dado um alerta como muitas mães fazem.

(...) Lamento, não ter acompanhado porque era importante (...). Quando isto acontece eu tento a posteriori reunir-me com o técnico. (...) não é a mesma coisa de estar com a família presente. Mas tentamos fazer a passagem de informação.

[Especificidades da família] (...) Os pais não solicitam. Sempre que acontece uma reunião, somos nós que a convocamos, somos nós que a solicitamos, inclusivamente qualquer informação, temos de pedir. Portanto, acontece qualquer coisa (...) tenho que telefonar para saber. Isto impõe dificuldades (...).

[Estratégias de intervenção com a equipa educativa] (...) eu aproveito quanto estou, na instituição [para ligar aos pais] (...) esta instituição até facilita (...) eu queria falar com os pais. Foi a educadora. Eu estou presente e passa [a informação].

(...) em relação à educadora da sala, os pais põem-na ao corrente e a informem das situações. (...) se a educadora é a última ou a primeira a saber dentro da instituição, (...) mas acaba por estar informada (...). E depois, (...) [a educadora] tem o cuidado de passar-me a informação. (...) passagem de informações (...), não posso apontar problemas porque ela vai circulando em ambos os sentidos. (...) eu tenho conhecimento em termos de reuniões com a parte clínica com os outros parceiros, eu informo-a, à minha colega. E ela [a educadora de infância], também, tem o cuidado de me informar sempre que sabe alguma coisa.

(...) só quero dizer mais uma coisa em relação aos pais.

[Envolvimento e participação dos pais] A mãe quando falou comigo, a última vez, por telefone (e porque eu liguei), a mãe disponibilizou-se, (...) para eu (...) quando acontecesse alguma coisa, que quisesse falar com ela. Que bastava eu dar-lhe um toque para o telemóvel dela que depois ligava-me.

(...) quando quero telefonar-lhe uso o telefone da escola (...) como estou em articulação com a minha colega (...) dou-lhe sempre a oportunidade de efetuar o contato porque estou presente, apercebo-me da conversa, fico a saber (...).

No outro dia, fui eu que fiz o telefonema, mas a minha colega estava presente. (...) Mas dizer que a mãe ligue, não liga. Não liga para dizer [seja o que for] (...).

(...) se calhar, isso para ela não é assim tão importante. Ela vê na colega, a pessoa de referência. (...) quem está diariamente com o filho. (...) É ela que tem de prestar contas diariamente. (...) se calhar [ela] até sente que pode confiar (...) é uma atitude de confiança.

Do género que eu informei e elas passam as informações. (...) pelos *feedback* que nós nos vamos dando pelas conversas, ela vê perfeitamente que estamos informados e que qualquer um de nós sabe o que ...[se passa].

(...) em relação a outros técnicos (...) já não é bem a mesma coisa, porque há informações que são controladas. A família controla o que diz a quem. (...) temos que ir tentando mediar estas situações todas.

[Estratégias de intervenção com a família] Não podemos perder as famílias (...) temos de estar cá disponíveis. (...) o que precisarem eu, dou (...) penso que não esteja em falta. Não sou pessoa de me poupar. Dou e (...) vejo os outros darem, os que estão a intervir diretamente com a criança em contexto educativo. Vejo que todos são preocupados (...) auxiliar, educadora, estagiária.

[Papel da instituição] Inclusivamente, a direção (...) é muito atenta ao Luís e muito preocupada. Ainda há pouco estivemos a falar sobre o que poderíamos fazer para ajudar mais, para ajudar esta família e de que forma o podemos [fazer] (...) é para dar, para munir esta família de mais competências.

[Estratégias de intervenção com a família] Não é passar atestados de incompetência porque nós temos que respeitá-los no modo diferente de funcionarem mas tentar mostrá-lhes outros modos mais funcionais, sobretudo no que respeita ao reconhecimento de autoridade parental pelos filhos.

As famílias têm (...) um funcionamento próprio. Há umas que estão mais dentro da norma, outras fogem mais. Mas não é acusando que nós conseguimos apanhar as famílias. Famílias pouco disponíveis, com o tempo tão ocupado, em termos de trabalho. Nós temos de ser cautelosos para não os perder. Se perdemos a família, então a criança perde-se mais.

Anexo IX – Pré – categorização da entrevista à educadora de educação especial

1. [Formação académica] (...) Curso de educadores de infância (...)
2. (...) tenho uma especialização em multideficiência, enquadrado no mestrado de psicologia do desenvolvimento e da educação.(...)
3. Obter qualificação para poder exercer de uma forma mais segura a minha profissão. (...) surgiu (...) no percurso prático (...) da minha carreira (...) atendendo que eu já tinha uns quatorze anos (...) de prática em contexto de educação especial. (...) o meu percurso, até essa altura, era nesse âmbito.
4. (...) sendo uma área que sempre me fascinou, na qual eu me sinto bem, (...) identificada, (...) Eu não duvidava que queria seguir, e que seria o meu trajeto. (...) gosto do que faço. Mas faltava-me (...) formalizar (...) todo o meu conhecimento.
5. [Intervenção especializada] (...) finais de janeiro, princípios de fevereiro de 2010. (...) há dois anos.
6. [Processo de inclusão da criança] (...) tem sido um bocado irregular.
7. (...) há constrangimentos no processo (...) faz andar para a frente e para trás.
8. No entanto, (...) o princípio da intervenção e ao ponto atual, há uma grande evolução. (...)
9. (...) Contudo, o mesmo tipo de problema, permanece. Refiro-me (...) ao comportamental (...) a componente comportamental do desenvolvimento do Luís que é a mais problemática.

10. (...) diagnóstico com hipoacusia bilateral ligeira (...) nota-se um melhoramento significativo (...)
11. (...) necessita, pontualmente, de intervenção ao nível da fluência da fala (...) colocação de voz, que tem a ver com técnicas de respiração, que faz parte da intervenção da terapia da fala. (...)
12. (...) mas é uma ajuda muito ligeira. (...)
13. (...) em termos de comportamento, estamos sempre com problemas. (...) é aí que reside, essencialmente, as irregularidades do desenvolvimento dele.
14. [Intervenientes no processo de inclusão] (...) as educadoras, as auxiliares e eu. Basicamente (...)
15. (...) E claro, sempre que a família pode, também. (...)
16. (...) Mas em contexto formal somos nós que [intervimos] (...)
17. [Papel da instituição] (...) a parte da coordenação da instituição (...) [a instituição] está sempre a acompanhar e esta sempre preocupada, sempre a encontrar, conjuntamente, estratégias para minimizar os problemas identificados.
18. [Estratégias de intervenção] Comecei por (...) uma intervenção ao nível de massajar o corpo. Que vai bater um bocado a terapia ocupacional. Portanto, em termos de integração sensorial (...).
19. (...) E tentei aplicar, um bocado esse tipo de técnicas, antes de se iniciar, por exemplo, o dia. Ou sempre, que notávamos que em situação de atividade, ele estivesse mais agitado. Portanto, procurávamos o momento mais oportuno para o retirar (...)
20. (...) e para fazer esse tipo de intervenção com materiais muito macios. Sempre que possível macios. (...)

21. (...) Pressionando as várias partes do corpo. (...) Portanto, aplicando no corpo [as massagens], fazendo pressão no corpo com materiais, sempre, os mais macios possíveis e os mais diversificados possíveis.
22. (...) aquilo que se chama o envolvimento corporal. (...) Portanto, quase dar-lhe colo, envolvê-lo em nós. (...) Sensação de conforto... tipo envolvimento corporal (...)
23. (...) Contenção! Pronto, técnicas de contenção corporal, mas dando-lhe algum conforto. (...) são técnicas que não se podem prolongar ao longo do dia (...) Pontualmente, consegue-se fazer. (...)
24. [Estratégias de intervenção] (...) Costumo definir em linhas gerais onde vai ser a minha intervenção. Duas ou três áreas-chave e depois, diariamente, vou dizendo às minhas colegas que hoje vou fazer isto ou hoje tenho a intenção de fazer aquilo (...)
25. (...) No fim de cada dia, dou sempre um *feedback* daquilo que aconteceu, como aconteceu, se foi positivo, se não foi, o que é que se poderia melhorar. (...)
26. (...) Por norma tento eu fazer, dizer como corre e daqui parte o exemplo se as colegas quiserem pegar (...)
27. (...) Articular é eu não fazer mais do mesmo que a minha colega faz, nem ela fazer aquilo que eu faço. (...)
28. (...) dentro do que ela [educadora] está a fazer, como é se pode ajudar esta criança a fazer de maneira diferente a conseguir melhorar em relação ao que o grupo todo faz (...)
29. (...) tenho a preocupação de perceber como é que a criança esteve no período em que decorreu a última vinda cá (...) até ao momento presente.

30. (...) Acho que consigo captar bem as dificuldades das colegas e tento responder de acordo com as dificuldades que estão a sentir (...)
31. (...) tentando sempre minimizar a dificuldade da criança, mas, também, tendo em conta o funcionamento do grupo (...)
32. (...) [minimizar] as dificuldades que a minha colega ou as minhas colegas me apresentam. (...)
33. (...) Tento apresentar soluções, estratégias para se desenvolver e depois peço o *feedback*. (...)
34. (...) Claro que nem sempre é fácil. Umam resultam, outras não. Normalmente resultam, outras parecem que não estão a resultar, mas ao fim de algum tempo acabamos de perceber que sim, que resultou.
35. [Desenvolvimento da criança] Positivamente. Muito positivamente. (...) Excetuando a área do comportamento (...)
36. (...) que bem analisado (...) vai tocar a parte emocional.
37. É uma constante [as alterações do comportamento] (...)
38. (...) o que ressalta, não é o défice na área da linguagem que, é proveniente ou que resulta do tal défice auditivo (...)
39. (...) No entanto, em termos de grupo, ressalta a nossa atenção pelo comportamento (...)
40. Ele está constantemente a chamar a nossa atenção. (...) a exigir de nós uma intervenção.
41. (...) é uma criança que gradualmente tem vindo a diminuir [os comportamentos desajustados] (...).

42. (...) é uma criança que testa limites e precisa que o balizem. (...)
43. Em termos de JI (...) tem uma melhoria muito significativa (...).
44. Ele reconhece-nos autoridade (...) aos adultos. (...)
45. (...) gosta de experimentar sempre e vai sempre testando. (...)
46. (...) No início (...) era (...) pavoroso falar com o Luís. (...) ele não ouvia, não acatava, não cumpria. Desafiava (...)
47. (...) Fora daqui não sei (...)
48. [Local de intervenção] Na sala de atividades (...) sempre que possível.
49. (...) houve situações no início que o retirava (...) porque não posso (...) estar a fazer uma sessão de [de massagens/relaxamento] dentro da sala, quando estão outras crianças a desenvolver outro tipo de atividade. Porque isso vai interferir com a dinâmica da sala e vou estar a canalizar a atenção (...) [das] crianças. (...)
50. [Particularidades manifestadas] (...) Porque o Luís, até nessa intervenção individualizada, se ele estiver privado da observação dos outros, ele tem um comportamento mais colaborante do que se estiver com observadores. Se ele estiver com observadores, tenta captar a colaboração deles. (...)
51. [Estratégias de intervenção com a família] (...) Portanto, temos de saber mediar (...)
52. [Local de intervenção] (...) acho que o nosso papel de docente [educadora] educação especial, neste aspeto (...). Temos de ser muito sensíveis a que tipo de objetivos queremos atingir para adequar o sítio onde o desenvolvemos. (...)

53. (...) Estas retiradas, no início, (...) não eram mais do que dez, quinze minutos. E depois voltávamos e desenvolvíamos as atividades que outros estariam a desenvolver. (...)
54. No ano passado (...) Tinha um horário, em que vinha em atividades livres, que era à tarde, e aí dava maior maleabilidade para eu intervir de uma forma mais individualizada. (...)
55. (...) Até mesmo aí, conversava muito com a minha colega. (...)
56. [Desenvolvimento da criança] (...) depois houve uma altura que ele já reconhecia autoridade de alguns elementos (...) e refiro-me (...) a mim, concretamente.
57. [Apoio educativo] Vinha duas vezes por semana. (...)
58. [Particularidades manifestas] (...) era muito desagradável, ele estar a desafiar os outros adultos que estavam com ele (...) via-o desafiá-los, ultrapassar e não respeitar a autoridade que eles representam dentro do contexto educativo.
59. [Estratégias de intervenção] (...) achei que devia intervir aí (...) era um aspeto que não estava a funcionar, dentro da área comportamental, do desenvolvimento da criança. (...)
60. (...) falei com as minhas colegas, determinei uma estratégia (...).
61. (...) era: não permitir que ele saísse, abandonasse o que quer que fosse que estivesse a fazer, sem comunicar à pessoa que estivesse próximo dele ou que estivesse a desenvolver a atividade. (...)
62. (...) estávamos todos em consonância desde as auxiliares. Falei com as auxiliares (...)

63. (...) falei com a *teacher* de inglês, porque isto partiu de uma situação (...) numa sessão de inglês, e pura e simplesmente, o menino lembrou-se em sair da roda porque lhe apetecia fazer um jogo. (...)
64. (...) achei que não era comportamento adequado. Tínhamos que corrigir aquilo. (...)
65. (...) Dizer, ou não dizer, para fazer ...dava quase a mesma. (...)
66. (...) e pedir que ele voltasse à situação inicial...[ex.] NÃO, é NÃO [saliente pela educadora] se faz... e Luís pediste a quem? (...) Estavas a fazer o quê? Estavas com quem? (...)
67. (...) Depois noutra situação com as auxiliares, a mesma coisa (...) Com a educadora, obviamente, a mesma coisa. (...)
68. (...) Isto até não foi difícil de conseguir (...) porque foi conversado entre todos. (...)
69. [Desenvolvimento da criança] (...) Ele não controlava o impulso de não querer estar ali e apetecer-lhe fazer outra coisa. (...)
70. (...) ele reconhecer que não está sozinho (...) e que precisa de respeitar (...)
71. [Estratégias de intervenção] (...) se ele pedir com educação, até se calhar é-lhe concedido esse momento. Nunca vi ninguém impedir. (...)
72. [Estratégias de intervenção] (...) E pouco e pouco fomos conseguindo. (...)
73. [Desenvolvimento da criança] (...) em termos de linguagem, que era a área onde era necessário intervir (...) o Luís deu um salto qualitativo grande. (...)
74. (...) adquiriu vocabulário... consegue utilizar [vocabulário] de forma correta (...) morfológicamente como sintacticamente (...)

75. [Particularidade manifestada] (...) é um miúdo que não tem problemas em organizar o seu discurso, em expressar as suas ideias, em encadear pensamentos e expô-los. (...)
76. (...) O problema que o Luís apresenta é de articulação de alguns fonemas pontuais. É na velocidade com que emite a voz, a fala. (...)
77. [Apoio no contexto do JI] (...) E aí, este ano conseguimos a intervenção da terapeuta da fala. (...) está com um técnico especializado na área. (...)
78. (...). Porque a linguagem trabalha-se a qualquer momento. (...) no decorrer natural das atividades e rotina da sala. (...)
79. (...) em termos de comportamento (...) [Aqui] o laboratório é natural e como o laboratório é natural, nada mais do que... fazer e aplicar a pedagogia de uma forma natural. (...) é no aqui e o agora. (...)
80. (...) E vou mediando as situações... (...)
81. [Estratégias de intervenção] (...) No fundo, nós tivemos a preocupação de traduzir por palavras, aquilo que nós percecionávamos ser a intenção do Luís e que era a dificuldade que ele tinha. (...)
82. [Especificidades da família] (...) a atitude era mais veloz, é mais rápida do que a expressão (...) logo não podemos impedir que o movimento aconteça. (...)
83. (...) É tão impulsivo que ele [comportamento] acontece. (...)
84. [Estratégias de intervenção com a criança] (...) Agora temos de ajudar essa pessoa, depois de parar, a refletir e a pensar que pode fazer isto de outra maneira, dando-lhe uma alternativa [a esse comportamento] e [ajudá-lo a] verbalizar. No fundo verbalizar intenções (...) o mínimo de competências que o façam funcionar adequadamente em grupo. O estar (...) a postura corporal.

85. [Particularidade manifestada] (...) ele deitava-se muito, encostava-se muito aos outros, beliscava (...) pontualmente isso acontece (...)
86. (...) ele faz mas a frequência com que esse comportamento ocorre é muito (...) menor em comparação com o que acontecia há dois anos por esta altura.
87. [Particularidades manifestadas] (...) o comportamento. (...)
88. [Estratégias de intervenção com a família] (...) nós tentamos mediar isto com a família mas (...) não é muito fácil. (...) é uma família muito ocupada (...). O Luís sai daqui tarde (...)
89. [Especificidades da família] (...) isto de intervir com a família não é fácil. Porque (...) tem que ser a família a identificar o problema. Se a família não identifica o problema (...) Não vou ser eu a dizer: «- olhe a sua forma de funcionar não está correta». (...)
90. [Estratégias de intervenção com a família] (...) Temos de ser muito subtis na forma como passamos a informação. (...) esta subtileza pode ser interpretada ou podem não chegar atingir. (...)
91. [Especificidade da família] (...) Porque há muitos modelos de funcionamento. (...)
92. [Estratégias de intervenção com a família] (...) Nós não temos o direito de chegar a uma família e impor seja que tipo de funcionamento que for.
93. (...) Não é fácil [intervir junto das famílias].
94. (...) Devemos intervir em termos de equipa. (...)
95. (...) A intervenção precoce, uma das facetas que tem é intervir junto de crianças ou famílias em risco. (...)

96. [Especificidade da família] (...) Porque nós não temos um conhecimento (...) do funcionamento da família. Temos uma percepção (...). Daquilo que nos vai sendo relatado, a forma como nos vai sendo relatado e daquilo que nos observamos.
97. [Envolvimento e participação dos pais] (...) fazer um plano de intervenção (...) Eu, pessoalmente, tenho tido dificuldade e é uma situação que constantemente estou (...) a tentar trabalhar com os meus parceiros do terreno e não é fácil. (...)
98. Porque (...) as famílias dizem sim, (...) mas depois não acontece. (...)
99. (...) embora, também sinto que esta família está mais assertiva com o Luís (...) acho que aprenderam ser mais assertivos (...)
100. [Estratégias de intervenção com a família] (...) a forma como se relata o que fizemos ou o que fizemos para “isto” que aconteceu [seja uma referência para os pais atuarem]...
101. (...) as avaliações que nós temos, nas avaliações formais, sempre que possível, tentamos valorizar [os reforços ou atitudes dos pais], mesmo que achemos que não correspondam totalmente às nossas expectativas (...).
102. Eu gosto de dar um *feedback* positivo (...) para reforçar as famílias.
103. (...) posso começar por aqui [dando o *feedback* positivo]... a reforçá-las e a cativá-las no sentido de fazermos trabalho no mesmo sentido. (...)
104. [Nível de envolvimento e participação dos pais] (...) eles tentam. (...)
105. (...) gostaríamos que fosse um bocadinho diferente com o Luís (...)
106. [Estratégia de intervenção com a família] (...) Tentamos passar essa mensagem com cautela, sem passar informação que acuse (...) Mais no sentido de dar referências (...)

107. (...) [Procuramos] passar este tipo de mensagem. Que lhe damos (...) o tal envolvimento (...) [Procuramos] dar-lhes este tipo de dicas aos pais. (...)
108. (...) Tive o privilégio de acompanhar a família e o Luís a uma sessão de terapia da fala. (...) numa situação de espera (...) dá para identificar (...) o funcionamento da família em termos de referências de autoridade (...). Fazer valer a sua autoridade enquanto adultos perante o filho. (...) percebi fragilidades (...)
109. (...) e tentei de acordo com (...) outros técnicos que também intervinham, passar a mensagem de como estamos a fazer, que nestas situações se costuma fazer assim e quando é NÃO é NÃO [saliente pela educadora]. (...)
110. (...) temos de ser unânimes (...) porque estar uns a trabalhar por um lado e depois em contexto familiar serem passivos, pouco ou nada se reflete no nosso trabalho [para modificar situações desajustadas]. (...)
111. (...) Há limites. (...) é isso que passamos aos pais. Impor limites ao Luís por que isso também o ajuda. (...)
112. [Estratégia de intervenção com a família] (...) tipo de comportamento que ele tem é um pedido de ajuda e foi isto que tentámos explicar aos pais. O que Luís faz (...) pedidos de ajuda. Balizem-me! Orientem-me! Digam-me o que eu não devo fazer!
113. [Envolvimento e participação dos pais] (...) é muito pontual. Esta relação é em reuniões pontuais, é por telefone e é acompanhamento a algumas consultas. (...)
114. [Especificidade da família] (...) Os pais não solicitam. (...) Sempre que acontece uma reunião, somos nós que a convocamos, somos nós que a solicitamos, inclusivamente qualquer informação, temos de pedir. Portanto, acontece qualquer coisa (...) tenho que telefonar para saber. Isto impõe dificuldades (...).
115. [Estratégias de intervenção com a equipa educativa] (...) eu aproveito quanto estou, na instituição [para ligar aos pais] (...) esta instituição até facilita (...)

116. (...) [a educadora] tem o cuidado de me passar a informação.
117. (...) passagem de informações (...), não posso apontar problemas porque ela vai circulando em ambos os sentidos. (...)
118. (...) eu tenho conhecimento em termos de reuniões com a parte clínica com os outros parceiros, eu informo-a, à minha colega. (...) E ela [a educadora de infância], também, tem o cuidado de me informar sempre que sabe alguma coisa. (...)
119. [Envolvimento e participação dos pais] (...) A mãe quando falou comigo, a última vez, por telefone (e porque eu liguei), a mãe disponibilizou-se, (...) para eu (...) quando acontecesse alguma coisa, que quisesse falar com ela. Que bastava eu dar-lhe um toque para o telemóvel dela que depois ligava-me. (...) quando quero telefonar-lhe uso o telefone da escola (...)
120. [Estratégias de intervenção com a equipa educativa] (...) como estou em articulação com a minha colega (...) dou-lhe sempre a oportunidade de efetuar o contato porque estou presente, apercebo-me da conversa, fico a saber (...). No outro dia, fui eu que fiz o telefonema, mas a minha colega estava presente.(...)
121. [Envolvimento e participação dos pais] Mas dizer que a mãe ligue, não liga. Não liga para dizer [seja o que for] (...). Ela vê na colega [educadora de infância], a pessoa de referência. (...) quem está diariamente com o filho. (...) É ela que tem de prestar contas diariamente. (...) se calhar [ela] até sente que pode confiar (...) é uma atitude de confiança. (...)
122. Do género que eu informei e elas passam as informações. (...) pelos *feedback* que nós nos vamos dando pelas conversas, ela vê perfeitamente que estamos informados e que qualquer um de nós sabe o que ...[se passa].

123. (...) em relação a outros técnicos (...) já não é bem a mesma coisa, porque há informações que são controladas. A família controla o que diz a quem. (...) temos que ir tentando mediar estas situações todas.
124. [Estratégias de intervenção com a família] Não podemos perder as famílias (...)
125. (...) temos de estar cá disponíveis. (...) O que precisarem eu dou (...) penso que não esteja em falta. Não sou pessoa de me poupar. (...)
126. (...) vejo os outros darem, os que estão a intervir diretamente com a criança em contexto educativo. Vejo que todos são preocupados (...) auxiliar, educadora, estagiária. (...)
127. [Papel da instituição] Inclusivamente, a direção (...) é muito atenta ao Luís e muito preocupada. Ainda há pouco estivemos a falar sobre o que poderíamos fazer para ajudar mais, para ajudar esta família e de que forma o podemos [fazer] (...) é para dar, para munir esta família de mais competências. (...)
128. [Estratégias de intervenção com a família] Não é passar atestados de incompetência porque nós temos que respeitá-los no modo diferente de funcionarem mas tentar mostra-lhes outros modos mais funcionais, sobretudo no que respeita ao reconhecimento de autoridade parental pelos filhos. (...)
129. (...) não é acusando que nós conseguimos apanhar as famílias. (...)
130. Nós temos de ser cautelosos para não os perder. Se perdemos a família, então a criança perde-se mais. (...)

Anexo X – Categorização das unidades de sentido à entrevista da educadora de educação especial

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	INDICADORES
<p>1. FORMAÇÃO</p>		<ul style="list-style-type: none"> • (...) Curso de educadores de infância (...) (1) • (...) tenho uma especialização em multideficiência, enquadrado no mestrado de psicologia do desenvolvimento e da educação. (2) • Obter qualificação para poder exercer de uma forma mais segura a minha profissão. (...) surgiu (...) no percurso prático (...) da minha carreira (...) atendendo que eu já tinha uns quatorze anos (...) de prática em contexto de educação especial. (...) o meu percurso, até essa altura, era nesse âmbito. (3) • (...) sendo uma área que sempre me fascinou, na qual eu me sinto bem, (...) identificada, (...) Eu não duvidava que queria seguir, e que seria o meu trajeto. (...) gosto do que faço. Mas faltava-me (...) formalizar (...) todo o meu conhecimento. (4)
	<p>2.1 Apoio educativo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) finais de janeiro, princípios de fevereiro de 2010. (...) há dois anos. (5) • Vinha duas vezes por semana. (...) (57)
<p>2. INTERVENÇÃO ESPECIALIZADA</p>	<p>2.2 Apoio no JI</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) necessita, pontualmente, de intervenção ao nível da fluência da fala (...) colocação de voz, que tem a ver com técnicas de respiração, que faz parte da intervenção da terapia da fala. (11) • (...) mas é uma ajuda muito ligeira. (12) • (...) E aí, este ano conseguimos a intervenção da terapeuta da fala. (...) está com um técnico especializado na área. (...) (77)
	<p>2.3 Intervenientes no processo de inclusão</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) as educadoras, as auxiliares e eu. Basicamente (...) (14) • (...) E claro, sempre que a família pode, também. (15)

<p style="text-align: center;">3. PROCESSO DE INCLUSÃO DA CRIANÇA</p>	<p style="text-align: center;">3.1 Particularidade manifestada</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) Mas em contexto formal somos nós que [intervimos] (...) (16) • (...) Contudo, o mesmo tipo de problema, permanece. Refiro-me (...) ao comportamental (...) a componente comportamental do desenvolvimento do Luís que é a mais problemática. (9) • (...) diagnóstico com hipoacusia bilateral ligeira (...) nota-se um melhoramento significativo (...) (10) • (...) em termos de comportamento, estamos sempre com problemas. (...) é aí que reside, essencialmente, as irregularidades do desenvolvimento dele. (13) • (...) que bem analisado (...) vai tocar a parte emocional. (36) • É uma constante [as alterações do comportamento] (...) (37) • (...) o que ressalta não é o défice na área da linguagem que é proveniente ou que resulta do tal défice auditivo (...) (38) • No entanto, em termos de grupo, ressalta a nossa atenção pelo comportamento. (...) (39) • Ele está constantemente a chamar a nossa atenção. (...) a exigir de nós uma intervenção. (40) • (...) é uma criança que testa limites e precisa que o balizem. (...) (42) • (...) gosta de experimentar sempre e vai sempre testado. (45) • No início (...) era (...) pavoroso falar com o Luís. (...) ele não ouvia, não acatava, não cumpria. Desafiava (...) (46) • (...) Fora daqui não sei (...) (47) • (...) Porque o Luís, até nessa intervenção individualizada, se ele estiver privado da observação dos outros, ele tem um comportamento mais colaborante do que se estiver com observadores. Se ele estiver com observadores, tenta captar a colaboração deles. (...) (50) • (...) era muito desagradável, ele estar a desafiar os outros adultos
--	--	---

		<p>que estavam com ele (...) via-o desafia-los, ultrapassar e não respeitar a autoridade que eles representam dentro do contexto educativo. (58)</p> <ul style="list-style-type: none"> • (...) é um miúdo que não tem problemas em organizar o seu discurso, em expressar as suas ideias, em encadear pensamentos e expô-los. (75) • (...) O problema que o Luís apresenta é de articulação de alguns fonemas pontuais. É na velocidade com que emite a voz, a fala. (76) • (...) a atitude era mais veloz, é mais rápida do que a expressão (...) logo não podemos impedir que o movimento aconteça. (...) (82) • (...) É tão impulsivo que ele [comportamento] acontece. (...) (83) • (...) ele deitava-se muito, encostava-se muito aos outros, beliscava (...) pontualmente isso acontece (...) (85) • (...) ele faz mas a frequência com que esse comportamento ocorre é muito (...) menor em comparação com o que acontecia há dois anos por esta altura. (86) • (...) o comportamento. (87)
	<p>3.2 O desenvolvimento da criança</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) tem sido um bocado irregular. (6) • (...) há constrangimentos no processo (...) faz andar para a frente e para trás. (7) • No entanto, (...) o princípio da intervenção e ao ponto atual, há uma grande evolução. (8) • Positivamente. Muito positivamente. (...) Excetuando a área do comportamento (...) (35) • (...) é uma criança que gradualmente tem vindo a diminuir [os comportamentos desajustados] (...). (41) • Em termos de JI (...) tem uma melhoria muito significativa (...). (43)

		<ul style="list-style-type: none"> • Ele reconhece-nos autoridade (...) aos adultos. (...) (44) • (...) depois houve uma altura que ele já reconhecia autoridade de alguns elementos (...) e refiro-me (...) a mim, concretamente. (56) • (...) Ele não controlava o impulso de não querer estar ali e apetecer-lhe fazer outra coisa. (69) • (...) ele reconhecer que não está sozinho (...) e que precisa de respeitar (...) (70) • (...) em termos de linguagem, que era a área onde era necessário intervir (...) o Luís deu um salto qualitativo grande. (73) • (...) adquiriu vocabulário... consegue utilizar [vocabulário] de forma correta (...) morfologicamente como sintacticamente (...) (74)
	3.3O papel da instituição	<ul style="list-style-type: none"> • (...) a parte da coordenação da instituição (...) [a instituição] está sempre a acompanhar e esta sempre preocupada, sempre a encontrar, conjuntamente, estratégias para minimizar os problemas identificados. (17) • Inclusivamente, a direção (...) é muito atenta ao Luís e muito preocupada. Ainda há pouco estivemos a falar sobre o que poderíamos fazer para ajudar mais, para ajudar esta família e de que forma o podemos [fazer] (...) é para dar, para munir esta família de mais competências. (127)
4. ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO	4.1 Local de intervenção	<ul style="list-style-type: none"> • Na sala de atividades (...) sempre que possível. (48) • (...) houve situações no início que o retirava (...) porque não posso (...) estar a fazer uma sessão de [de massagens/relaxamento] dentro da sala, quando estão outras crianças a desenvolver outro tipo de atividade. Porque isso vai interferir com a dinâmica da sala e vou estar a canalizar a atenção (...) [das] crianças. (49) • (...) Estas retiradas, no início, (...) não eram mais do que dez, quinze minutos. E depois voltávamos e desenvolvíamos as atividades que outros estariam a desenvolver. (...) (53)

	<p>4.2 Com a criança</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Comecei por (...) uma intervenção ao nível de massajar o corpo. Que vai bater um bocado a terapia ocupacional. Portanto, em termos de integração sensorial (...) (18) • (...) E tentei aplicar, um bocado esse tipo de técnicas, antes de se iniciar, por exemplo, o dia. Ou sempre, que notávamos que em situação de atividade, ele estivesse mais agitado. Portanto, procurávamos o momento mais oportuno para o retirar (...) (19) • (...) e para fazer esse tipo de intervenção com materiais muito macios. Sempre que possível macios. (20) • (...) Pressionando as várias partes do corpo. (...) Portanto, aplicando no corpo [as massagens], fazendo pressão no corpo com materiais, sempre, os mais macios possíveis e os mais diversificados possíveis. (21) • (...) aquilo que se chama o envolvimento corporal. (...) Portanto, quase dar-lhe colo, envolve-lo em nós. (...) Sensação de conforto... tipo envolvimento corporal (...) (22) • (...) Contenção! Pronto, técnicas de contenção corporal, mas dando-lhe algum conforto. (...) são técnicas que não se podem prolongar ao longo do dia (...) Pontualmente, consegue-se fazer. (23) • (...) tentando sempre minimizar a dificuldade da criança, mas, também, tendo em conta o funcionamento do grupo (...) (31) • (...) Claro que nem sempre é fácil. Umas resultam, outras não. Normalmente resultam, outras parecem que não estão a resultar, mas ao fim de algum tempo acabamos de perceber que sim, que resultou. (34) • (...) Portanto, temos de saber mediar (...) (51) • (...) acho que o nosso papel de docente [educadora] educação especial, neste aspeto (...) Temos de ser muito sensíveis a que tipo de objetivos queremos atingir para adequar o sítio onde o
--	--------------------------	--

		<p>desenvolvemos. (...) (52)</p> <ul style="list-style-type: none">• No ano passado (...) Tinha um horário, em que vinha em atividades livres, que era à tarde, e aí dava maior maleabilidade para eu intervir de uma forma mais individualizada. (54)• (...) achei que devia intervir aí (...) era um aspeto que não estava a funcionar, dentro da área comportamental, do desenvolvimento da criança. (...) (59)• (...) era: não permitir que ele saísse, abandonasse o que quer que fosse que estivesse a fazer, sem comunicar à pessoa que estivesse próximo dele ou que estivesse a desenvolver a atividade. (61)• (...) achei que não era comportamento adequado. Tínhamos que corrigir aquilo. (64)• Dizer, ou não dizer, para fazer ...dava quase a mesma. (65)• (...) e pedir que ele voltasse à situação inicial...[ex.] NÃO, é NÃO [saliente pela educadora] se faz... e Luís pediste a quem? (...) Estavas a fazer o quê? Estavas com quem? (66)• (...) se ele pedir com educação, até se calhar é-lhe concedido esse momento. Nunca vi ninguém impedir. (71)• E pouco e pouco fomos conseguindo. (72)• (...) Porque a linguagem trabalha-se a qualquer momento. (...) no decorrer natural das atividades e rotina da sala. (78)• (...) em termos de comportamento (...) [Aqui] o laboratório é natural e como o laboratório é natural, nada mais do que... fazer e aplicar a pedagogia de uma forma natural. (...) é no aqui e o agora. (79)• (...) E vou mediando as situações (...) (80)• (...) Agora temos de ajudar essa pessoa, depois de parar, a refletir e a pensar que pode fazer isto de outra maneira, dando-lhe uma alternativa [a esse comportamento] e [ajudá-lo a] verbalizar. No
--	--	--

		<p>fundo verbalizar intenções (...) o mínimo de competências que o façam funcionar adequadamente em grupo. O estar (...) a postura corporal. (84)</p>
	<p>4.3 Com a equipa educativa</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) Costumo definir, em linhas gerais, onde vai ser a minha intervenção. Duas ou três áreas chave e depois, diariamente, vou dizendo às minhas colegas que hoje vou fazer isto ou hoje tenho a intenção de fazer aquilo (...) (24) • (...) No fim de cada dia, dou sempre um <i>feedback</i> daquilo que aconteceu, como aconteceu, se foi positivo, se não foi, o que é que se poderia melhorar. (25) • (...) Por norma tento eu fazer, dizer como corre e daqui parte o exemplo se as colegas quiserem pegar. (...) (26) • (...) Articular é eu não fazer mais do mesmo da minha colega faz, nem ela fazer aquilo que eu faço. (...) (27) • (...) dentro do que ela [educadora] está a fazer, como é se pode ajudar esta criança a fazer de maneira diferente a conseguir melhorar em relação ao que o grupo todo faz (...) (28) • (...) tenho a preocupação de perceber como é que a criança esteve no período em que decorreu a última vinda cá, até que agora estou, até ao momento presente. (29) • (...) Acho que consigo captar bem as dificuldades das colegas e tento responder de acordo com as dificuldades que estão a sentir (...) (30) • (...) [minimizar] as dificuldades que a minha colega ou as minhas colegas me apresentam. (32) • (...) Tento apresentar soluções, estratégias para se desenvolver e depois peço o <i>feedback</i>. (33) • (...) Até mesmo aí, conversava muito com a minha colega. (...) (55) • (...) falei com as minhas colegas, determinei uma estratégia (...).

		<p>(60)</p> <ul style="list-style-type: none"> • (...) estávamos todos em consonância desde as auxiliares. Falei com as auxiliares (...) (62) • (...) falei com a <i>teacher</i> de inglês, porque isto partiu de uma situação (...) numa sessão de inglês, e pura e simplesmente, o menino lembrou-se em sair da roda porque lhe apetecia fazer um jogo. (63) • (...) Depois noutra situação com as auxiliares, a mesma coisa (...) Com a educadora, obviamente, a mesma coisa. (67) • Isto até não foi difícil de conseguir (...) porque foi conversado entre todos. (68) • (...) No fundo, nós tivemos a preocupação de traduzir por palavras, aquilo que nós percecionávamos ser a intenção do Luís e que era a dificuldade que ele tinha (...) (81) • (...) [a educadora] tem o cuidado de passar-me a informação. (116) • (...) passagem de informações (...), não posso apontar problemas porque ela vai circulando em ambos os sentidos. (117) • (...) eu tenho conhecimento em termos de reuniões com a parte clínica com os outros parceiros, eu informo-a, à minha colega. (118) • (...) como estou em articulação com a minha colega (...) dou-lhe sempre a oportunidade de efetuar o contato porque estou presente, apercebo-me da conversa, fico a saber (...). No outro dia, fui eu que fiz o telefonema, mas a minha colega estava presente. (120)
<p>5. A FAMÍLIA</p>	<p>5.1 Especificidade da família</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) isto de intervir com a família não é fácil. Porque (...) tem que ser a família a identificar o problema. Se a família não identifica o problema (...) (89) • (...) Porque há muito modelo de funcionamento. (91) • Porque nós não temos um conhecimento (...) do funcionamento da

		<p>família. Temos uma perceção (...). Daquilo que nos vai sendo relatado, a forma como nos vai sendo relatado e daquilo que nos observamos. (96)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Porque (...) as famílias dizem sim, (...) mas depois não acontece. (98) • (...) embora, também sinto que esta família está mais assertiva com o Luís acho que aprenderam ser mais assertivos (99) • (...) Tive o privilégio de acompanhar a família e o Luís a uma sessão de terapia da fala. (...) numa situação de espera (...) dá para identificar (...) o funcionamento da família em termos de referências de autoridade (...). Fazer valer a sua autoridade enquanto adultos perante o filho. (...) percebi fragilidades (...) (108) • (...) temos de ser unânimes (...) porque estar uns a trabalhar por um lado e depois em contexto familiar serem passivos, pouco ou nada se reflete no nosso trabalho [para modificar situações desajustadas]. (...) (110) • (...) Não é passar atestados de incompetência porque nós temos que respeitá-los no modo diferente de funcionarem mas tentar mostrá-lhes outros modos mais funcionais, sobretudo no que respeita ao reconhecimento de autoridade parental pelos filhos.(...) (127)
	<p>5.2 Estratégias de intervenção</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) nós tentamos mediar isto com a família mas (...) não é muito fácil. (88) • Temos de ser muito subtis na forma como passamos a informação. (...) esta subtileza pode ser interpretada ou podem não chegar atingir. (90) • (...) Nós não temos o direito de chegar a uma família e impor seja que tipo de funcionamento que for. (92) • Não é fácil [intervir junto das famílias]. (93)

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) Devemos intervir em termos de equipa. (...) (107) • (...) A intervenção precoce, uma das facetas que tem é intervir junto de crianças ou famílias em risco. (...) (95) • (...) a forma como se relata o que fizemos ou o que fizemos para “isto” que aconteceu [seja uma referência para os pais atuarem]... (100) • (...) as avaliações que nós temos, nas avaliações formais, sempre que possível, tentamos valorizar [os reforços ou atitudes dos pais], mesmo que achemos que não correspondam totalmente às nossas expectativas (...). (101) • Eu gosto de dar um <i>feedback</i> positivo (...) para reforçar as famílias. (102) • (...) posso começar por aqui [dando o <i>feedback</i> positivo]... a reforçá-las e a cativá-las no sentido de fazermos trabalho no mesmo sentido. (103) • (...) Tentamos passar essa mensagem com cautela, sem passar informação que acuse (...) Mais no sentido de dar referências (...) (106) • (...) [Procuramos] passar este tipo de mensagem. Que lhe damos (...) o tal envolvimento (...) [Procuramos] dar-lhes este tipo de dicas aos pais. (...) (107) • (...) e tentei de acordo com (...) outros técnicos que também intervinham, passar a mensagem de como estamos a fazer, que nestas situações se costuma fazer assim e quando é NÃO é NÃO [saliente pela educadora].(...) (109) • (...) Há limites. (...) é isso que passamos aos pais. Impor limites ao Luís por que isso também o ajuda. (111) • (...) tipo de comportamento que ele tem é um pedido de ajuda e foi isto que tentámos explicar aos pais. O que Luís faz (...) pedidos de ajuda. Balizem-me! Orientem-me! Digam-me o que eu não devo
--	--	--

		<p>fazer! (112)</p> <ul style="list-style-type: none"> • (...) eu aproveito quanto estou, na instituição [para ligar aos pais] (...) esta instituição até facilita (...) (115) • (...) Mas dizer que a mãe ligue, não liga. Não liga para dizer [seja o que for] (...). Ela [mãe] vê na colega [educadora de infância], a pessoa de referência. (...) quem está diariamente com o filho. (...) É ela que tem de prestar contas diariamente. (...) se calhar [ela] até sente que pode confiar (...) é uma atitude de confiança. (121) • Do género que eu informei e elas passam as informações. (...) pelos <i>feedback</i> que nós nos vamos dando pelas conversas, ela vê perfeitamente que estamos informados e que qualquer um de nós sabe o que ...[se passa]. (122) • (...) em relação a outros técnicos (...) já não é bem a mesma coisa, porque há informações que são controladas. A família controla o que diz a quem. (...) temos que ir tentando mediar estas situações todas. (123) • Não podemos perder as famílias (...) (124) • (...) temos de estar cá disponíveis. (...) O que precisarem eu dou (...) penso que não esteja em falta. Não sou pessoa de me poupar. (125) • (...) vejo os outros darem, os que estão a intervir diretamente com a criança em contexto educativo. Vejo que todos são preocupados (...) auxiliar, educadora, estagiária. (126) • (...) não é acusando que nós conseguimos apanhar as famílias.(...) (129) • Nós temos de ser cautelosos para não os perder. Se perdemos a família, então a criança perde-se mais. (130)
--	--	--

	<p>5.3 Nível de envolvimento e participação</p>	<ul style="list-style-type: none">• (...) fazer um plano de intervenção (...) Eu, pessoalmente, tenho tido dificuldade e é uma situação que constantemente estou (...) a tentar trabalhar com os meus parceiros do terreno e não é fácil. (97)• (...) eles tentam. (104)• (...) gostaríamos que fosse um bocadinho diferente com o Luís.(...) (105)• (...) é muito pontual. Esta relação é em reuniões pontuais, é por telefone e é acompanhamento a algumas consultas. (...) (113)• (...) Os pais não solicitam. (...) Sempre que acontece uma reunião, somos nós que a convocamos, somos nós que a solicitamos, inclusivamente qualquer informação, temos de pedir. Portanto, acontece qualquer coisa (...) tenho que telefonar para saber. Isto impõe dificuldades (...). (114)• (...) A mãe quando falou comigo, a última vez, por telefone (e porque eu liguei), a mãe disponibilizou-se, (...) para eu (...) quando acontecesse alguma coisa, que quisesse falar com ela. Que bastava eu dar-lhe um toque para o telemóvel dela que depois ligava-me. (...) quando quero telefonar-lhe uso o telefone da escola (...) (119)
--	---	--